

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
FACULDADE DE ARTES  
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – PROF-ARTES

ERINALDO DE SOUZA BATALHA

PROCESSOS ARTÍSTICOS: A CRIAÇÃO DE DESENHOS NAS AULAS DE ARTES SOB  
A LUZ DO IMAGINÁRIO AMAZÔNICO

MANAUS  
2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
FACULDADE DE ARTES  
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – PROF-ARTES

ERINALDO DE SOUZA BATALHA

PROCESSOS ARTÍSTICOS: A CRIAÇÃO DE DESENHOS NAS AULAS DE ARTES SOB  
A LUZ DO IMAGINÁRIO AMAZÔNICO

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado  
Profissional em Artes - PROF-ARTES na IES Associada  
– Universidade Federal do Amazonas/Universidade do  
Estado do Amazonas.

Linha – Processos de ensino, aprendizagem e criação em  
artes

Orientador: Prof. Dr. Valter Frank de Mesquita Lopes

MANAUS  
2023

## Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

B328p      Batalha, Erinaldo de Souza  
              Processos criativos : A criação de desenhos nas aulas de artes  
              sob a luz do imaginário amazônico / Erinaldo de Souza Batalha .  
              2023  
              71 f.: il. color; 31 cm.

              Orientador: Valter Frank de Mesquita Lopes  
              Dissertação (Mestrado Profissional em Artes) - Universidade  
              Federal do Amazonas.

              1. Arte. 2. Arte-educação. 3. Desenho. 4. Criatividade. 5.  
              Amazônia. I. Lopes, Valter Frank de Mesquita. II. Universidade  
              Federal do Amazonas III. Título

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
FACULDADE DE ARTES  
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – PROF-ARTES

ERINALDO DE SOUZA BATALHA

PROCESSOS ARTÍSTICOS: A CRIAÇÃO DE DESENHOS NAS AULAS DE ARTES SOB  
A LUZ DO IMAGINÁRIO AMAZÔNICO

Dissertação apresentada à Banca para Defesa Final, junto ao Mestrado Profissional em Artes-  
PROFARTES. Linha – Processos de ensino, aprendizagem e criação em artes.

Aprovado em: 28/11/2023

BANCA EXAMINADORA

\_\_\_\_\_

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Valter Frank de Mesquita Lopes

\_\_\_\_\_

Membro: Prof(a) Dr(a) Claudia Carnevskis de Mello

\_\_\_\_\_

Membro: Prof(a) Dr(a) Evandro de Moraes Ramos

\_\_\_\_\_

Suplente: Prof(a) Dr(a) Renato Antônio Brandão Medeiros Pinto

\_\_\_\_\_

Suplente: Prof(a) Dr(a) Maria Evany do Nascimento

MANAUS  
2023

## **GRATIDÃO**

A Deus, maravilhoso em sua infinita bondade que me permitiu chegar até aqui, mesmo com as inúmeras e grandes dificuldades com suas bênçãos e proteções pude seguir em frente.

A minha família, Érika Karoline (minha amada filha), Kássia (linda esposa), Mafalda e Edson (maravilhosos pais), Raimundo (sábio e querido avô), Atena e Aquiles e aos demais familiares incluindo aqueles em memória que sempre me apoiaram. Aos meus estudantes que me incentivam a não desistir e são minha maior razão e alegria em estar na escola, estes que encontram na arte mais razão para perseverar nos estudos.

Aos meus mestres do programa Prof-Artes, em especial ao meu orientador, professor Doutor Valter Frank de Mesquita Lopes, que além de excelente mestre, é um grande incentivador. Obrigado professor por acreditar em mim quando eu não mais acreditava, o que faço para com meus estudantes, quando precisei, eu recebi do senhor.

## **RESUMO**

Esta pesquisa, intitulada Processos Artísticos: A criação de desenhos nas aulas de artes sob a luz do imaginário amazônico, buscou identificar de que maneira o desenho pode contribuir para a formação intelectual, artística e cultural dos estudantes de duas escolas da rede básica de ensino da cidade de Parintins/AM. Destaca-se também o papel do professor/artista/pesquisador, levando-se em consideração suas experiências e seus conhecimentos no âmbito da arte-educação. Para isso, a pesquisa recorreu a autores como Martins e Picosque (2012), Loureiro (2015), Edward (2000), Derdyk (2007), Dias e Irwin (2013), dentre outros que por meio de suas teorias contribuíram para enriquecer a realização deste estudo. A proposta metodológica compreende a abordagem triangular de Barbosa e Cunha (2021) e trilha processos da Pesquisa Educacional Baseada em Arte denominada A/R/Tografia. Quanto aos procedimentos metodológicos, configura-se como pesquisa básica, bibliográfica, descritiva, qualitativa e pesquisa-ação. Os resultados são apresentados de modo a demonstrar a importância da Amazônia, da nossa cultura e nossa identidade regional, bem como comprovar o quanto a criação de desenho contribui significativamente nas aulas de arte.

Palavras-chave: Arte. Arte-educação. Desenho. Criatividade. Amazônia.

## **ABSTRACT**

This research, entitled Artistic Processes: The creation of drawings in art classes in the light of the Amazonian imaginary, sought to identify how drawing can contribute to the intellectual, artistic and cultural formation of students from two schools in the city's basic education network. from Parintins/AM. The role of the teacher/artist/researcher is also highlighted, leading to an understanding of their experiences and knowledge within the scope of art education. For this, the research used great authors such as Martins and Picosque (2012), Loureiro (2015), Edward (2000), Derdyk (2007), Dias and Irwin (2013), among others who, through their theories, develop to enrich the carrying out this study. The methodological proposal comprises Barbosa and Cunha (2021) triangular approach and follows processes of Art-Based Educational Research called A/R/Tography. As for methodological procedures, it is configured as basic, bibliographic, descriptive, qualitative and action research. The results are presented in order to demonstrate the importance of the Amazon, our culture and our regional identity, as well as proving how significantly the creation of drawings contributes to art classes.

Keywords: Art. Art-education. Drawing. Creativity. Amazon.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Estudantes conhecendo obras em livros	36
Figura 2- Produção de desenho livre	37
Figura 3- Produção de desenho livre	37
Figura 4- Visita em galeria de arte	38
Figura 5- Produção de desenhos em praça	39
Figura 6- Produção de desenho em praça	39
Figura 7- Produção de desenho fora da sala de aula	40
Figura 8- Leitura de lendas amazônicas	41
Figura 9- Leitura de lendas amazônicas	41
Figura 10- Aula de desenho	42
Figura 11- Aula de desenho	43
Figura 12- Aula de desenho	43
Figura 13- Ensino de desenho gestual	44
Figura 14- Professor em concepção de esboço	45
Figura 15- Concepção de esboço do professor	45
Figura 16- Estudantes em concepção de esboços	46
Figura 17- Estudante em produção de desenho	47
Figura 18- Desenho de estudante	47
Figura 19- Produção de desenhos	48
Figura 20- Produção de desenho	48
Figura 21- Estudantes em produção de desenhos	49
Figura 22- Estudante em produção de desenho	50
Figura 23- Estudante em processo de arte-finalização	51
Figura 24- Estudante em processo de arte-finalização	51
Figura 25- Estudante em processo de arte-finalização	52
Figura 26- Desenho da Lenda do Boto	53
Figura 27- Desenho da lenda de Ajuricaba	54
Figura 28- Desenho da lenda das Icamíabas	54
Figura 29- Desenho da lenda do Tarumã	55
Figura 30- Desenho da lenda da Maria Fumaça	55
Figura 31- Desenho da lenda do Curupira	56
Figura 32- Desenho da lenda do Rio Amazonas	56
Figura 33- Desenho da lenda do Mapinguari	57
Figura 34- Desenho da lenda de Naiá	58
Figura 35- Desenho da lenda de Poré (O pai do raio)	58
Figura 36- Desenho da lenda de Dom Sebastião (O Touro Encantado)	59
Figura 37- Desenho da lenda do Navio Fantasma Uaicurapá	59

## **LISTA DE TABELA**

Tabela 1– Levantamento de resultados em torno de trabalhos relativos

20



## SUMÁRIO

### RESUMO

### ABSTRACT

<b>1 DA IDEIA AO PAPEL – Uma Introdução</b>	10
1.1 Minha identidade visual	12
1.2 Vida acadêmica e Experiências no ensino da arte	15
1.3 Contextos das Escolas	17
<b>2 CAMINHOS TRILHADOS - Referencial Teórico</b>	20
2.1 Panoramas temáticos (fundamentações teóricas e práticas)	20
<b>3 PRIMEIROS TRAÇOS - Metodologia</b>	29
<b>4 CONCEPÇÃO E ESBOÇO - Proposta Pedagógica</b>	35
<b>5 GALERIA DE OBRAS</b>	53
<b>6 COMPREENDENDO A OBRA - Resultados e Discussões</b>	60
<b>7 O DEVANEIO E A REALIZAÇÃO - Considerações Finais</b>	63
<b>GRANDES INSPIRAÇÕES - Referências</b>	65
<b>APÊNDICE</b>	69

## **1 DA IDEIA AO PAPEL – Uma Introdução**

Com o propósito de inserir propostas criativas para o processo de ensino e aprendizagem nas aulas de artes, o presente projeto expõe o processo traçado e alcançado a partir da criação de desenhos sobre o mundo imaginário da Amazônia. Essa proposta contempla a criação e elaboração de obras a começar pelos estudos teóricos e desenvolvimentos práticos feitos por estudantes e professores em duas escolas públicas da cidade de Parintins no interior do estado do Amazonas.

Neste projeto intitulado Processos Artísticos: A criação de desenhos nas aulas de artes sob a luz do imaginário amazônico, buscou-se identificar de que maneira o desenho pôde contribuir para a formação intelectual, artística e cultural dos estudantes que participaram diretamente da pesquisa e intervenção, considerando que as vivências e experiências adquiridas contribuíram fortuitamente com as aulas, despertando o interesse discente e fortalecendo o potencial pedagógico docente.

Um adendo sobre a escolha do título, pautou-se a partir da linha de pesquisa de interesse do pesquisador, alinhando-se a área de estudos do orientador no âmbito da arte, da cultura amazônica e do mundo fantástico, considerando, também, a execução como um processo artístico, as pesquisas em torno da criação de desenhos, a aplicação em aulas de artes como proposta diferenciada e a inspiração (luz) da cultura imaterial dos povos da Amazônia.

Deste modo, este projeto teve como objetivo geral promover um processo de ensino e aprendizagem significativos por meio de estudos de desenho nas aulas de arte, com a criação de obras com temática cultural do imaginário amazônico. Com isso, de forma específica, utilizou-se práticas pedagógicas e artísticas, bem como pesquisas voltadas para didáticas e metodologias que potencializaram a ação docente, proporcionaram conhecimento agregador na aprendizagem dos estudantes e despertou interesses e experiências no universo das artes e da cultura amazônica, de tal modo, contribuindo para a formação humana, valorizando e estimulando aspectos educacionais, sociais e culturais, com isso fomentando o conhecer, o produzir e o debater arte de maneira melhor.

É importante destacar que esta pesquisa surgiu a partir do questionamento: De que maneira a criação de desenhos com temática do imaginário amazônico nas aulas de artes, com metodologias aplicadas influenciaria em um ensino-aprendizagem significativos?

Para responder tal questionamento, levou-se em consideração aspectos intrínsecos relativos ao ambiente escolar e ao desenvolvimento educacional nos quais se inserem as condições propícias de estudos, a estrutura e a infraestrutura escolar, os conteúdos programáticos e o público-alvo. Assim, considerando os aspectos supracitados, pensou-se a construção de um processo metodológico que entenda a criação de desenhos nas aulas de artes um instrumento relevante e viável de ser executado, buscando aperfeiçoar os processos de ensino e aprendizagem que levaram a resultados satisfatórios nas dimensões de conhecimentos: Criação, Crítica, Estesia, Expressão, Fruição e Reflexão vistos como essenciais para a educação.

Uma vez que faz parte da nossa realidade interiorana, as lendas amazônicas estão muito presentes na vida dos parintinenses e se tornam mais fortes com a representatividade por meio do Festival Folclórico de Parintins. Contudo, ao indagar aos estudantes em sala de aula, são raros os que conhecem as lendas de forma aprofundada, por isso acabam por apenas mencionar ou falar de maneira bem superficial sobre elas.

Por isso, este projeto vai de encontro a uma grande oportunidade de valorizar nossa cultura imaterial e nossa identidade regional que a cada dia vem perdendo espaço pela falta de conhecimento e incentivo, considerando ainda a influência da era digital que abriu espaço para presença de outras culturas, algo que não considero um mal, mas prejudicial, quando negamos nossa própria identidade. Além disso, devemos ponderar que nossa região é uma rica fonte de conhecimento e inspiração que é cobiçada por outros povos.

A escolha da linguagem do desenho a ser trabalhada neste projeto surgiu, não apenas pelo domínio e vontade egoísta de minha parte, mas sim, pelo interesse que os estudantes, quase em sua maioria, já trazem sobre esta linguagem artística. Fato é que sempre no primeiro dia de aula ouço a seguinte pergunta – *Professor, já vamos usar o caderno de desenho?*

Durante os anos de docência, o desenho se fez mais importante na minha vida, pois tive a oportunidade de descobrir seu papel de contribuidor para a formação de intelecto aplicado diretamente no processo educacional.

Para os estudantes, as descobertas permearam satisfações por entender o desenho em novas possibilidades, principalmente para muitos que ainda o viam como algo apenas de riscos em papéis.

Alinhar esse ideal a uma proposta que explora o recurso da criatividade em torno do universo imaginário da Amazônia, colabora para o reconhecimento de identidade cultural, além

de atender as normativas no que compete a obrigatoriedade ao estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, instituídos pela Lei nº 11.645, de 10 março de 2008. Na oportunidade, a escola tende a promover um saber em torno de nossa própria origem, que em muitas vezes é incógnita da sociedade. Assim, precisamos entender a Amazônia de dentro para fora e não ao inverso, sendo este um mundo gigantesco e rico ainda a ser explorado.

Na obra “Redesenhando o Desenho – educadores, política e história”, a autora Ana Mae Barbosa aponta: “O Ensino da arte e do Design no Brasil têm uma história comum até a década de 1950, irmanada pela designação “ensino do desenho”. A história do ensino do desenho está marcada pela dependência cultural.” (BARBOSA, 2015, p. 39).

O ensino promovido pela educação básica formal no Brasil apresenta a disciplina de Arte como componente curricular desde o ano de 1971 com a criação da Lei nº. 5.692, que na época se apresentava como Educação Artística, porém a aplicação da disciplina como mero fazer obrigatório para atender às leis constituídas não garante o ensino de qualidade para os estudantes, haja vista que a escolarização não é o mesmo que educação e como afirma Barbosa em A Imagem no Ensino da Arte: “Arte na educação não é mero exercício escolar”. (BARBOSA, 2010, p. 27).

Há de se considerar que não nos limitamos apenas à prática em si, mas usamos todas as possibilidades teóricas e experiências possíveis, aproveitando que na maioria das vezes a vontade dos estudantes em botar a mão na massa, ou melhor, o lápis no papel oportuniza melhorias nas aulas.

Essas aulas de desenho, de certo modo, eram as que eu desejava em minha época escolar, pois o desenho sempre fez parte da minha vida em uma trajetória construída com muitos traços e cores que me levaram ao *design* e às artes visuais, por isso compartilho em um breve memorial exposto a seguir.

### 1.1 Minha identidade visual

Numa folha qualquer  
Eu desenho um sol amarelo  
E com cinco ou seis retas  
É fácil fazer um castelo

Corro o lápis em torno da mão e me dou uma luva  
E se faço chover com dois riscos, tenho um guarda-chuva  
[...]

Ao emprestar os trechos iniciais da canção “Aquarela” faço uma viagem a minha infância, mas ao mesmo tempo me deparo com minha realidade presente.

Sempre entrelaçando vida e arte tenho o privilégio de exercer minha profissão docente com mais êxito, fazendo uma mistura perfeita como a de cores, esperando o contato com o papel para revelar o que há de melhor... a ARTE!

Assim, os rabiscos deram início a uma história que continuamente vai se ilustrando. Falo de uma infância simples, vivida em ruas e quintais. E por esses quintais brincando com amigos, encontrei-me com a Arte em um barracão de madeira coberto de palha, onde esbocei minha trajetória no desenho.

Nasci em uma família sem ter nenhum membro artista, porém conheci e me encantei pelo desenho. Do velho barracão de mestre Gilson à Escolinha do Boi Caprichoso, andeilhei entre lápis e papéis, descobrindo técnicas e estilos, ainda que de forma limitada, porém encantadora a qualquer criança.

Antes de concluir meus estudos, aventurei-me pelos galpões e QG's (Quartéis Gerais) dos Bois, não em busca de dinheiro, mas da riqueza da experiência artística. Entre tintas, penas, isopor e outros materiais vi um mundo imaginário tornar-se realidade e com as poucas, mas boas gratificações financeiras, investi em meu sonho: o de ser artista.

Contudo, por ser filho de professora e estimulado por meus pais a caminhar no estudo, entendi a necessidade de deixar essa vivência para trás e almejar algo mais grandioso que só a educação acadêmica poderia ofertar. Como em minha cidade não havia curso de graduação em artes a não ser para professores atuantes, precisei olhar adiante e caminhar além das fronteiras de minha ilha. Dessa vontade de continuar crescendo e sem perder a essência da vida interiorana, fui para a capital do estado em busca da realização de meus sonhos e, ao partir, levei na bagagem as lembranças de minha terra adorada... Parintins.

No ano de 2007, aportei em Manaus, onde gentilmente fui acolhido por familiares e pessoas que se tornaram amigos. Logo iniciei uma nova história a ser desenhada, não apenas com técnicas, mas com teorias em minha primeira academia no curso de Design da Faculdade Martha Falcão.

Mesmo distante, não foi possível esquecer Parintins e a promessa de um dia voltar com mais conhecimento, encorajava-me a continuar trilhando.

Após concluir o curso de Design, regressei a Parintins em 2010 e logo ingressei na segunda faculdade no curso de Artes Plásticas que viria a tornar-se Artes Visuais da Universidade Federal do Amazonas. Simultaneamente frequentei a pós-graduação em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Kurios – CE, e assim, descobri meu encanto pelo ensino-aprendizagem.

Fui monitor de desenho e pintura pelo programa “Mais Educação” do Governo Federal – FNDE em parceria com a Secretaria de Educação do Amazonas – SEDUC no ano de 2012 e Instrutor do curso de “Produção de Eventos” realizado pelo Centro de Educação Tecnológica do Amazonas – CETAM no ano de 2014.

Atuei como designer gráfico e ilustrador em empresas de comunicação, gráficas, associações folclóricas e culturais, destacando a Associação Folclórica Boi-Bumbá Caprichoso, onde fui responsável pelos projetos gráficos de 2011 a 2013 do Festival Folclórico de Parintins, bem como participei da produção e direção de espetáculo em agremiações folclóricas nos estados do Amazonas e Pará.

Entre os anos de 2013 e 2020 atuei como instrutor de desenho, curador, coordenador e produtor cultural. Na oportunidade contribuí na formação artística de crianças, adolescentes, jovens e adultos, ensinando o desenho, enquanto técnica, colaborando na produção cultural de eventos artísticos e exposições de artes visuais, além de produções gráficas.

Em 2020 ingressei por meio de concurso público da Secretaria de Educação / SEDUC-AM na classe de professor de Artes, lecionando aulas nas escolas estaduais “Irmã Sá” e Colégio Batista de Parintins para turmas de 6º. a 9º. ano do Ensino Fundamental II – Anos Finais. A pedido da Escola Estadual Irmã Sá e da Escola Estadual Suzana de Jesus Azêdo, obtive dobra de carga, na oportunidade passei a trabalhar também com estudantes do Ensino Médio.

Em 2021 fui agraciado com a conquista de adentrar no programa de Mestrado Profissional em Artes – PROF-ARTES, no qual está inserido na linha de pesquisa que mais me causa prazer, “*Ensino, Aprendizagem e Criação em Artes*” com projeto para a área de artes visuais, mas adquirindo conhecimento nas linguagens de Música, Dança e Teatro para a formação do professor competente e atuante. Atualmente exerço minhas três afeições: docência, desenho e design.

Por convicção militante em prol da arte-educação em Parintins, tornei-me sócio fundador da Associação de Arte-Educadores de Parintins – AAEP, atuando como membro da diretoria na função de 2º. tesoureiro. Associação fundada em maio de 2019 sem fins lucrativos, que busca lutar pelos direitos da classe e promover cursos e oficinas voltados para a área de arte em comunidades carentes do município.

Em 2020 a convite da Secretaria Municipal de Cultura da cidade de Parintins, colaborei como membro da comissão avaliadora dos projetos inscritos no Edital de Fomento Cultural Lei Aldir Blanc, que selecionou projetos voltados para exposições em murais, pinturas em telas, fotografias, desenhos e produção literária.

No mais, vou seguindo em busca de conhecimento, carregando na bagagem a lembrança de tudo o que caminhei para chegar até aqui e sabendo que ainda há muitos traços em papéis a desenhar e histórias a escrever.

## 1.2 Vida acadêmica e Experiências no ensino da arte

### *Vida Acadêmica*

No ano de 2007 foi iniciada minha trajetória acadêmica na cidade de Manaus-AM pela Faculdade Martha Falcão. Nesta tive a oportunidade de cursar o tão desejado curso de Design, um curso de bacharelado que ampliou meu conhecimento relativo à imagem, ressaltando ainda que eu acreditava ser um curso apenas para “desenho”. No entanto, a grata surpresa de ter um conhecimento mais abrangente, possibilitou-me aprimorar ainda mais meus projetos artísticos e explorar novas técnicas e estilos que ainda não conhecia. Durante o curso tive a honra de receber da instituição o Prêmio “Mérito Acadêmico Professora Martha Falcão”, prêmio concedido aos acadêmicos destaques de cada curso por seus desempenhos.

Em 2010, ao retornar a Parintins, ingressei no curso de Licenciatura Plena em Artes Plásticas da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, nomenclatura que mais tarde foi substituída pela atual Licenciatura em Artes Visuais. Nesse curso conheci e passei a me interessar pela docência, ainda assim no campo das artes.

No período em que estive estudando a licenciatura, minha mente se abriu para o campo da história da arte e do ensino-aprendizagem. Apesar de ainda estar interessado em trabalhar na área do desenho e do design, foi a partir de então que o gosto pelo ensino despertou. A realização de projetos junto à sociedade no âmbito da pesquisa e extensão foi muito importante

no sentido de atribuir experiência direta na vida das pessoas, uma vez que a universidade é voltada para o público de um modo em geral, atravessando suas próprias paredes.

No ano de 2012, participei do curso de especialização em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Kurius – CE, em parceria com o Centro de Ensino e Pesquisa do Amazonas – CEPAM. O ingresso neste curso decorreu por conta do interesse na área da educação despertado anteriormente na licenciatura em artes. Na oportunidade, conhecimentos no âmbito do ensino em diversos segmentos como a educação inclusiva, educação de jovens e adultos, políticas educacionais e psicologia da aprendizagem oportunizaram mais entendimento e ratificaram o pensamento de que sem deixar de lado o gosto pelo desenho, uma nova paixão despertava, a docência.

Contudo, chegando o ano de 2021 surgiu a oportunidade de adentrar no programa em rede do Mestrado Profissional em Artes – PROF-ARTES, coordenado pela Universidade Estadual de Santa Catarina em parceria com a Universidade Federal do Amazonas – UFAM e a Universidade Estadual do Amazonas – UEA.

O referido programa é destinado a professores de Arte atuantes na docência em nível da educação básica e possibilita aos mesmos novos horizontes em termos de conhecimentos metodológicos, experiências em pesquisa e projetos e a elevação no saber aplicado à arte-educação que possa ser utilizado na escola e compartilhado como ciência na melhoria da educação.

#### *Experiências no ensino da arte*

Minha trajetória no ensino de arte começa em um programa estabelecido pelo Governo Federal em parceria com estados e municípios denominado “Mais Educação”. O programa possibilitava a iniciação a docência para acadêmicos em diversas áreas, e este foi o primeiro contato que pude estabelecer com uma sala de aula. Participei do programa na Escola Estadual “Aderson de Menezes”, escola parintinense, situada em região de bairro e que recebia muitos estudantes de classe média-baixa. Estes demonstraram muito gosto pelo projeto no qual a área de atuação era desenho e pintura. Na oportunidade existiam projetos de esportes, leitura e escrita e artesanato, contudo as turmas de desenho e pintura sempre chamaram mais a atenção, pois



possibilitou aos estudantes conhecer técnicas e ter experiências visuais das quais alegavam não ter nem mesmo no componente curricular arte.

Entre 2013 e 2020 atuei como instrutor de técnicas de desenho artístico sendo que em 2016, além de instrutor, coordenava grupos de artes visuais e audiovisual. Foram sete anos de atuação que possibilitaram experiências no ensino em arte, especificamente no desenho artístico, atendendo público de diversas faixas etárias, desde crianças a adultos. Na coordenação trabalhei também na elaboração e produção de projetos como mostras pedagógicas e exposições de desenho, pintura, escultura e instalação, bem como projetos sociais aplicados em bairros e em outras cidades como Maués, Boa Vista do Ramos, Barreirinha e Nhamundá.

Já no ano de 2019, surge a melhor das oportunidades, o ingresso por meio de concurso público na classe de professor de Arte da rede estadual de ensino. Iniciado o exercício no ano de 2020, lecionei o componente curricular Arte para turmas de nível Fundamental II – 6º a 9º na Escola Estadual Irmã Sá e no Colégio Batista de Parintins. No mesmo ano surgiu então a pandemia da COVID-19 que nos afastou das salas de aulas de forma presencial e fez com que atuássemos no âmbito da educação digital. Apesar da dificuldade com esse complexo novo, valeu a experiência e a possibilidade de não sermos prejudicados de maneira ainda mais drástica.

Contudo, em 2022 fui convidado a fazer parte do colegiado de professores da Escola Estadual “Suzana de Jesus Azêdo”, para atuação no componente curricular Arte em turmas de 6º e 7º anos de Ensino Fundamental II e na escola Estadual “Irmã Sá”, onde já atuava. Nesta passei a lecionar para turmas de 1º ano de nível Médio. No ano de 2023 passei a lecionar Arte e Ensino Religioso na Escola Estadual “Suzana de Jesus Azêdo”.

### 1.3 Contextos das Escolas<sup>1</sup>

#### ESCOLA ESTADUAL “IRMÃ SÁ”

A Escola Estadual “Irmã Sá” foi fundada em 30 de dezembro de 1992 para atender à clientela do bairro de Nossa Senhora de Nazaré, sendo inaugurada no dia 08 de março de 1993. Oficialmente vinculada à Secretaria de Educação e Qualidade do Ensino pelo decreto nº 15.265,

---

<sup>1</sup> Informações extraídas a partir do PPP das escolas, reformulados e aprovados em 2022 pela Secretaria Estadual de Educação e Desporto do Amazonas - Seduc-AM.

de 08 de março de 1993, sua entidade Mantenedora é a Secretaria de Estado de Educação e Qualidade do Ensino – SEDUC amparada pela resolução nº 021/95 CEE/AM.

Os moradores dos bairros de Nossa Senhora de Nazaré e São Vicente solicitaram, através da Associação de Moradores dos bairros, que uma Escola fosse construída no local, pois na época existiam muitos “prostíbulos” pela região que geravam brigas e, inclusive, mortes por conta da violência e alcoolismo. O Poder Público atendeu à demanda e o anseio da população veio a consolidar a nova Escola. O local escolhido para a construção era um terreno baldio onde ocorriam assaltos, assassinatos e prostituições que, a partir de então, foi ressignificado como local de aprendizagem.

Ocorre também que muitas pessoas que vinham do interior do município acabaram por se assentar nestes bairros do subúrbio e, como havia apenas uma escola na região, fazia-se necessário que se construísse um novo Educandário para atender a esta clientela que chegara à cidade.

A partir da solicitação feita pelos moradores a escola ofertou aulas no turno noturno, para atender moradores que trabalhavam durante o dia e buscavam a oportunidade de estudar e/ou concluir seus estudos. Assim, o educandário passou a atender com aulas nos três turnos, e também ajudou a formar alguns dos professores que hoje atuam diretamente nas escolas Municipais e Estaduais de Parintins. Atualmente a escola oferece níveis e modalidades de ensino sendo: Ensino Fundamental de 6º a 9º ano, Ensino Médio Regular e Ensino Médio EJA, possuindo 531 estudantes, sendo 196 no turno matutino, 215 no turno vespertino e 120 no turno noturno, dados deste ano de 2023.

#### COLÉGIO BATISTA DE PARINTINS

O Colégio Batista de Parintins foi fundado em 01 de maio de 1955 pelo então Pastor Eduardo França Lessa, pastor da Primeira Igreja Batista de Parintins, com o intuito de criar na cidade uma escola com filosofia fundamentada nos princípios cristãos, sob a orientação dos ensinamentos da Denominação Batista.

Localizado na Rua. Cel. José Augusto, 2214 – Centro, é reconhecido pela Resolução nº. 032/80, do C.E.E. - AM, aprovada em 24/06/1980 e publicada no Diário Oficial do Estado de nº. 24.533, de 08 de julho de 1980, está vinculado à Secretaria de Estado de Educação e Qualidade do Ensino – SEDUC.

O primeiro nome dado ao Colégio Batista de Parintins foi “Instituto Batista Clem e Ethel Hardy”, em homenagem ao casal de missionários da América do Norte. Localizado à Avenida Amazonas, esquina com a atual Travessa Senador Álvaro Maia, oferecia o Curso Primário de 1ª à 5ª Série, tendo como seu primeiro Diretor o próprio fundador. Em 1962, o pastor Eduardo França Lessa e sua esposa Prof.<sup>a</sup> Eglantina Brelaz Lessa fundaram o Curso Ginásial e transferiram a sede da Escola para o Departamento de Educação Religiosa da Primeira Igreja Batista de Parintins, na rua Cel. José Augusto, nº. 2214, tomando posse como Diretor o Prof.º José Barbosa Ribeiro e a Escola passou a chamar-se de “Ginásio Batista de Parintins” (G.B.P.).

No ano de 1969, dada à necessidade local, ofereceu o Curso Normal (Magistério), tendo funcionado até 1971 com o nome de “Colégio Normal Batista de Parintins”, com a reforma do ensino no Brasil, de acordo com a Lei 5.692/71, em 1972 o Colégio reformulou seus estatutos e regimento escolar de acordo com as exigências da Lei em vigor e mudou o nome para “Colégio Batista de Parintins”.

Objetivando atender as aspirações dos jovens da comunidade, ofertou em 1977 o Curso de Auxiliar de Laboratório em Análise Química. Já em 1980, tendo em vista a necessidade de professores, foi instituído no Colégio o Curso Adicional na Área de Ciências, em 1981 na Área de Comunicação e Expressão e em 1982 na Área de Estudos Sociais, que funcionaram até o ano de 1991. Buscando atender as necessidades existentes na Região, o C.B.P. deu início em 1984 ao Curso Habilitação Básica em Saúde que funcionou até o ano de 1996. Em virtude do agravamento da situação econômica do Município, com o fechamento da fábrica de beneficiamento da juta, visando o atendimento de alunos carentes que não tinham condições de estudar na Capital do Estado, por intermédio do Professor Eduardo França Lessa Jr., Administrador Escolar do Estabelecimento, na qualidade de procurador da Escola, foi realizado em 1986 um convênio de parceria entre a Escola e o Governo do Estado do Amazonas, por intermédio da SEDUC-AM, que perdura até a presente data. Em 2004, por meio do convênio com a SEDUC, o Colégio passa a oferecer o Ensino Médio, já no ano de 2008 a escola contava com um número de 850 alunos, que incluiu o atendimento aos alunos do 1º Ano do Ciclo.

Atualmente funciona com 31 turmas, em dois turnos, atendendo o Ensino Fundamental de 1º a 9º ano no turno matutino e o Ensino Médio no turno vespertino contando com um total de 1004 (mil e quatro) estudantes.

## 2 CAMINHOS TRILHADOS - Referencial Teórico

Na busca por referências como aportes para compreender os estudos na área aqui abordada, busquei em sites de pesquisas acadêmicas fontes que abordam as temáticas sobre o ensino de arte, o desenho, o imaginário amazônico - lendas e a/r/tografia, uma vez sendo estes os pontos abordados na pesquisa, como está demonstrado na **Tabela 1**.

Palavras-Chave	Publicações Encontradas em Consultas		
	Google Acadêmico	Pergamum	SciELO
<b>ENSINO DE ARTE</b>	755.000	2.236	216
<b>ENSINO DE ARTE – DESENHO</b>	156.000	121	5
<b>ENSINO DE ARTE – DESENHO – IMAGINÁRIO AMAZÔNICO/LENDAS</b>	8	0	0
<b>ENSINO DE ARTE – DESENHO – IMAGINÁRIO AMAZÔNICO/LENDAS – A/R/TOGRAFIA</b>	0	0	0

Tabela 1– Levantamento de resultados em torno de trabalhos relativos

De acordo com a pesquisa realizada de cunho exploratório, constatou-se pouca produção teórica em torno do tema desta proposta, o que dificultou maior compreensão dos assuntos, porém torna esta pesquisa mais relevante.

Dito isso, para embasar este projeto, trazemos autores que estudam de forma significativa, em suas respectivas áreas, os universos de ensino de arte, desenho e imaginário amazônico apresentando conceitos abordados aqui.

### 2.1 Panoramas temáticos (fundamentações teóricas e práticas)

Aqui são apresentados o conjunto de teorias, ideias e procedimentos que foram utilizadas na pesquisa de forma sistematizada, abordando a proposta central do projeto voltada para a criação de desenhos com a temática do imaginário amazônico nas aulas de artes em escolas da rede básica de ensino da cidade de Parintins-Amazonas.

Portanto, materiais bibliográficos, sites, documentos e contos foram levantados com a finalidade de compor tal fundamentação teórica, todos direcionados para as artes visuais, especificamente o desenho enquanto processo de ensino, aprendizagem, criação, linguagem e

técnica, bem como o contexto da cultura amazônica em seu imaginário, lendas, mitos e crenças, explicitados a seguir.

Destaca-se, neste sentido, que o desenho é uma categoria de arte que está situado dentro da linguagem das artes visuais tal como a pintura, a escultura e a gravura, sendo estas muitas vezes consequências derivadas do desenho como primeira ação, inclusive a fotografia e o cinema se valem deste recurso. A palavra desenho, de acordo com o Dicionário Aurélio (2010):

[Dev. de *desenhar*] significa: “*sm.* 1. Representação de formas sobre uma superfície, por meio de linhas, pontos e manchas. 2. A arte e a técnica de representar, com lápis, pincel, etc., um tema real ou imaginário expressando a forma. 3. Configuração (1). 4. Traçado, projeto.

Assim, temos uma ideia do que é o desenho e como podemos compreender o seu uso nas aulas de artes de forma mais clara.

Em sentido, como fala Paulo Pasta (2007), consideramos o desenho como elemento de pura integridade dentro das artes visuais, pois é o fundamento desta linguagem, que traz consigo um caráter ético, uma vez que em suas configurações simples e complexas juntas não deixam a verdade ser ocultada.

O termo desenho muitas vezes acaba por ser aplicado fora da linguagem artística, tornando-se meios de expressões.

Isso pode ser visto na escola e no cotidiano externo, pois, muitas vezes usamos modos de falar que trazem o desenho como maneiras de externar ideias, sentimentos e reações, apresentados a seguir:

- “*Será que preciso desenhar para você entender?*”, usado para questionar se alguém entendeu o que estava sendo exposto;

- “*A partir desse momento começou a ser desenhada a nossa história*”, uma referência para dizer que se construía algo, mesmo que imaterial;

- “*Precisamos entender o desenho dessa coreografia*”, outra alusão a ideia imaterial, mais especificamente relativa a um projeto;

- “*E desse jeito vai se desenhando a nossa vida*”, modo de dizer que algo está sendo construído.

Essas são algumas das expressões muito ouvidas e registradas durante minha vida e que fazem referências ao desenho como meio de situação externa.

O desenho possui um papel intelectual e analítico, sendo fundamento para si e também para outras categorias, diferente da pintura que tem uma função mais sensorial e precisa do

desenho como base, mesmo que este não seja aplicado de forma prática, mas em concepção e configuração na mente do artista.

Adentrar ao universo da diferenciação entre desenho e pintura não possui relevância, mas, entender que ambos são partes essenciais entre si no mesmo contexto nos esclarece a importância de cada um de modo particular e conjunto, onde a temporalidade e espacialidade são as únicas marcas da diferença, de tal modo que, considerando tais argumentações entende-se a importância do desenho enquanto arte e enquanto processo pedagógico aplicado em sala de aula, pois é histórico que o desenho ensinado de forma incorreta, sem valorizar suas essências torna-se incompreensível a quem busca aprender e até mesmo a quem o ensina.

O desenho é soberano e se apresenta em diversas áreas além da arte, como na ciência e na mídia, que é um estado e não uma condição. De acordo com Derdyk (2007) possui a linha como sua estrutura óssea, que capta, delinea, designa, atrai, arrasta, puxa, traceja, lança, planeja, projeta como vetores de uma ação que se estendem dos traços do pensamento.

Ainda de acordo com Derdyk (2007) que traz a fala de Flávio Motta, apresenta o ato de desenhar na contemporaneidade como uma atitude e não somente como “apenas coisa de lápis e papel”, cuja formulação fora indicada por Mário de Andrade, o que levou um certo tempo para ser esclarecido dentro do processo de ensino no Brasil.

Em solo brasileiro o desenho veio a ganhar espaço a partir do período imperial com a vinda da Corte Portuguesa e a chegada da Missão Artística Francesa em 1816, trazendo grandes artistas como Taunay e Debret. Nesse período, o desenho fazia parte de uma escola que propunha seu estilo artístico europeu, mesmo retratando o cotidiano e as riquezas naturais brasileiras, bem como servindo de base para estudos ligados às ciências como botânica e zoologia e que no ano de 1826 cumpriu seu objetivo de fundar na cidade do Rio de Janeiro uma escola de artes denominada de Academia Imperial de Belas Artes.

Nesse período o desenho adquiriu notoriedade com alta ênfase no ensino das artes. No entanto seu ensino era executado com autoritarismo, em que o professor era o personagem que possuía toda a verdade e seu ensino era mais voltado a produtos. Como afirmam Martins, Picosque e Guerra (1998, p.11):

A partir dessa época temos uma história do ensino da arte com ênfase no desenho, pautada por uma concepção de ensino autoritária, centrada na valorização do produto e na figura do professor como dono absoluto da verdade. Sua mesa ficava sobre uma plataforma mais alta, para marcar bem a “diferença” [...] Ensinava-se a copiar modelos – a classe toda apresentava o mesmo desenho – e o objetivo do professor era que seus alunos tivessem boa coordenação motora, precisão, aprendessem técnicas, adquirissem hábitos de limpeza e ordem nos trabalhos e que estes de alguma forma fossem úteis na preparação para a vida profissional, já que eram na sua maioria, desenhos técnicos ou geométricos. O desenho deveria servir à ciência e à produção

industrial, utilitária.

Entretanto, nos meados das décadas de 50 e 60 surgiu um movimento denominado Escola Nova e de estudos sobre a criatividade já existentes em outros países, com isso nasceu um processo pedagógico direcionado para a “livre expressão” e valorização do processo de trabalho e nestes termos o professor tinha outra função que era a de dar oportunidade aos estudantes nos fazeres ligados à expressão de forma espontânea e pessoal, assim estabelecendo a “criatividade” como parte fundamental no ensino de artes.

Contudo, a livre expressão sem a mediação do professor não propiciava criatividade e muito menos aprendizagem, pelo contrário fazia com que os estudantes ficassem sem saber por onde começar. Nesse contexto, John Dewey (2010) surge com uma proposta totalmente direcionada para uma qualidade no processo de aprendizagem, com sua obra “Arte como Experiência.”

Explorar a experiência nas aulas de arte possibilita aprendizagem de forma mais concreta e qualitativa, pois a experiência sensorial torna-se possibilidade educativa, e de acordo com Dewey a experiência é uma troca consciente do eu com o mundo, a arte não está no objeto em si, mas na troca consciente de informação e conhecimento que é estabelecido entre a obra e o espectador, é pela obra que o artista se conecta com as pessoas superando tempo e espaço.

A arte é uma experiência da própria vida e, para Dewey, não há experiência mais intensa do que a arte. A educação é o momento da experiência e quanto mais sensorial mais interessante torna-se, pois ativa formas de aprendizagem diferentes, o que nos moldes escolares de hoje é considerado incrível.

A experiência sensorial precisa estar interligada com a referência, e nesse contexto o professor é peça chave na promoção do conhecimento. O livre fazer sem referência e sem orientação não é educativo. A referência já se faz presente na vida e a partir desta surgem as possibilidades para a criatividade.

Segundo Ostrower (2014), a criatividade é um potencial próprio do ser humano e a realização desse potencial é uma necessidade.

Aplicar a criatividade ao processo de educação invoca conhecimentos principalmente no ensino de artes, mas não se limitando neste campo.

Ainda de acordo com Ostrower, entende-se o potencial criador como:

Criar é, basicamente, formar. É poder dar uma forma a algo novo. Em qualquer que seja o campo de atividade, trata-se, nesse “novo”, de novas coerências que se estabelecem para a mente humana, fenômenos relacionados de modo novo e compreendidos em termos novos. O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender; e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar. (OSTROWER, 2014, p. 9).

Portanto, alinhando experiência e criatividade no ato de ensinar e aprender por meio do desenho configura-se um saber mais significativo, pois se considerarmos a arte como um diálogo sobre a vida e não um diálogo sobre si mesma, a própria vida e seus meios de viver geram experiências que impregnam na arte alicerces de inspiração. Essa ideia de experiência alinhada à vida é descrita por DEWEY (2010, p.109) “A experiência ocorre continuamente, porque a interação do ser vivo com as condições ambientais está envolvida no próprio processo de viver.

É neste momento que se apresenta a proposta de ser trabalhada a investigação pautada na Pesquisa Educacional Baseada em Arte (PEBA), usando como método a A/R/Tografia (artist, researcher and teacher), traduzido para o português *artista, pesquisador e professor*. A a/r/tografia surgiu na University British Columbia (UBC) – Canadá, mais precisamente na Faculdade de Educação com a professora Rita Irwin e colaboração com seu então orientando, o professor Belidson Dias. Essa proposta se encaixa perfeitamente no projeto, haja vista que o proponente sendo um participante ativo do processo e também sujeito da pesquisa, precisa exercer as três funções ao mesmo tempo constituindo uma identidade híbrida. Uma vez que “Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia é um reconhecimento às Pesquisas Baseadas em Arte como um gênero emergente e em processo de expansão de pesquisa e investigação nas Ciências Sociais e Ciências Humanas” (DIAS, 2013, p. 13).

Assim, podemos e devemos trabalhar o uso de imagens com o intuito de melhorar o processo como aponta Raimundo Martins (2013, pág.85) em seu texto Metodologias Visuais: com imagens e sobre imagens: “Trabalhar com imagens é articular idas e vindas no tempo, inventando mundos e narrando histórias.”.

Porém as imagens usadas precisam gerar discussões que levem a interpretações justificáveis, para então produzir conhecimento. como afirmado por Ana Mae Barbosa (2010) em seu livro *A Imagem no Ensino da Arte*:

Contudo, na fase de interpretação, afirma que devemos aceitar interpretações, mesmo as mais metafóricas [...].

Cada pessoa em cada época tem o direito à sua interpretação, desde que justificável formalmente; portanto, é necessário ler claramente os elementos formais e de composição primeiro. (BARBOSA, 2010, p. 79).

O supracitado sugere que os desenhos elaborados a partir de experiências e criatividade, conduz o estudante a um olhar educado que entenderá as significações da vida na escola e no mundo. Partindo disto o projeto propõe as obras do artista uruguaio Gervasio



Troche.

Em seus livros de desenhos publicados, “Desenhos invisíveis” de 2014 e “Bagagem” de 2016, Troche nos presenteia com obras riquíssimas de criatividade, explorando mundos imaginários e fantasiosos, onde sonho e realidade se misturam e nos conduzem a adentrar no universo fantástico proposto pelo artista.

As obras de Troche possuem um estilo cartunizado e não se preocupa com detalhes e técnicas aprimoradas, mas sim com os efeitos que podem ser alcançados pela imaginação.

Entretanto, esse processo sempre estará ligado a técnicas e métodos, em que o fazer na prática é a manifestação material do intelectual.

A materialização da arte constitui-se na técnica e nos métodos aplicados gerando um processo que tem como objetivo apresentar a chamada *obra de arte*, o que é comum claro a categoria do desenho, em seus aspectos propriamente práticos, incluindo uso de materiais que podem ser explorados nas aulas de artes, tanto os convencionais quanto os alternativos.

Vale ressaltar que o desenho, tal como qualquer forma de linguagem, pode ser aprendido e ensinado, pois há técnicas e métodos que auxiliam neste processo, fazendo-nos reconhecer o desenho enquanto uma habilidade e não um dom especial possuído por poucos.

Você logo descobrirá que desenhar é uma habilidade que pode ser aprendida por qualquer pessoa normal com visão e coordenação motora medianas – com habilidade suficiente para enfiar uma linha numa agulha ou atirar uma bola à distância. Ao contrário do que se costuma pensar, a habilidade manual não é o fator primordial para o desenho. Se a sua caligrafia é legível, ou mesmo se você consegue escrever em letras de forma inteligíveis, então você tem toda a destreza necessária para desenhar bem. (EDWARDS, 2000, p. 29).

Assim como as letras constituem palavras e que conseqüentemente constituirão frases, o desenho tem seu início em pontos sucessíveis que passarão a formar linhas e estas criarão superfícies como hachuras, grisês ou manchas.

No desenho, os métodos podem ser classificados em: desenho de observação (modelo vivo e reprodução); desenho de memorização e desenho de criação.

No que compete as técnicas, é necessário entendermos que estas são determinadas pelos materiais utilizados e que devemos considerar estes serem de diversos modelos e marcas que, conseqüentemente, influenciarão nos preços. Existe uma infinidade de materiais disponíveis no mercado e podem ser classificados de acordo com o usuário: materiais de linha estudantil e de linha profissional, no entanto, nas escolas geralmente são encontrados materiais

que nem específicos de arte são os chamados “quebra-galhos”, já que a ideia, partindo da licitação é ofertar o mais barato, acaba por ser um descaso com o investimento na educação.

Entretanto, o fato de os materiais existentes nas escolas não serem propriamente adequados para as produções de desenho, não impossibilita o processo de ensino-aprendizagem, tão pouco o alcançar de resultados satisfatórios, haja vista que não só podemos, mas também devemos utilizar materiais alternativos, pois isso permite criatividade e possibilidades de produção sem muito custo. Contudo, métodos e técnicas de desenho são imprescindíveis no processo educativo em arte, possibilitando o fazer artístico como procedimento pedagógico nas escolas, dentro e fora da sala de aula.

Muito mais do que estar preocupado com técnicas e métodos, o professor necessita construir uma ação pedagógica firmada em fundamentação teórica e prática na educação e na arte, algo que deve ser totalmente perceptível e de potencial no uso do desenho como metodologia aplicada na escola.

No que se refere ao ensino de arte por meio do processo de “criação de desenhos”, contempla-se a possibilidade de maior desenvolvimento dos estudantes em termos de expressividade e espontaneidade, uma vez que este adentra um mundo imaginário que instigará o seu processo intelectual, criativo e artístico independente de sua faixa etária, sendo necessário ter o cuidado de não dar modelos prontos e limitar esse processo. Como observamos em Sans (2014):

É importante que o educador não dê nada pronto, como modelos estereotipados ou desenhos já feitos para a criança colorir. Lembro-me de que, quando eu era pequeno, na minha época de criança, existiam, com certa facilidade, blocos com desenhos prontos para a criança passar pincel com água nas figuras, e, automaticamente, como em um passe de mágica, elas ficavam coloridas como se fossem pintadas com aquarelas. A criança tem curiosidade apenas. Isso não substitui o desenho que ela faz. Assim acontece com o desenho que surge da sequência de unir os pontos e veja o que aparece. Isso é apenas curiosidade, não ativa o metabolismo corporal que a ação de desenhar desencadeia. (SANS, 2014, p. 99).

E como observamos também em Ostrower (2013, p. 25) “O mais importante, porém, não é o rapaz saber se o desenho que fazia seria bom ou não, do ponto de vista artístico, os traços corretos ou errados, e sim que havia uma lógica no proceder”.

Isso deve ser ponderado, dado o fato de um ensino mal aplicado por método escolhido ou mesmo pelo desinteresse dos professores que pode afetar no desenvolvimento dos estudantes e gerar frustrações futuras, como afirma Betty Edwards:

Desta forma, os professores frequentemente recorrem a trabalhos de artesanato, que parecem mais seguros e menos angustiantes – trabalhos como mosaico de papel, borrões e salpicos de tinta e outras manipulações de materiais.

O resultado é que a maioria dos alunos não aprende a desenhar nos primeiros anos ou na metade do curso primário. A autocrítica torna-se permanente e eles só raramente tentam aprender a desenhar mais tarde. (EDWARDS, 2000, p. 90).

Uma vez preparada a metodologia de ensino, pode-se alcançar resultados satisfatórios, sendo o professor o responsável e estando capacitado a desempenhar o papel de educador e orientador, conduzindo o processo de ensino e aprendizagem junto aos estudantes. Conforme Sans (2014), afirma, caber ao professor saber dialogar e conseguir passar o conteúdo das atividades, conduzindo novas alternativas de ensino e estando em sintonia com o estudante, a fim de incentivá-lo a criar, a se expressar, a compreender a arte e a cultura em que está inserido, tendo discernimento sobre seu próprio universo.

Desse modo, espera-se que a criação de desenhos provoque experiências e vivências artísticas que contribuam de forma expressiva com a aprendizagem na rotina educacional nas aulas de artes, mas na educação escolar como um todo. Para tanto, o professor deve colaborar fazendo com que os estudantes passem por um conjunto amplo de experiências no aprender e no criar, articulando a percepção, a imaginação, a sensibilidade, o conhecimento e a produção artística em caráter individual ou em grupo.

Abrangendo a cultura amazônica, enquanto viés temático para a criação dos desenhos nas aulas de artes, torna-se oportunidade fortuita para promover a valorização da identidade regional ao passo que o contexto da temática possui ricas possibilidades imaginárias e de criação. Nesse contexto, Leandro Tocantins discorre:

Nascidos geralmente nas camadas populares, as lendas e os mitos surgiram nas veias imaginosas a forma artística dos ritmos poéticos ou narrativos, prefigurando, algumas vezes, certos fatos ininteligíveis às indagações da razão que, cedendo passo á imaginativa, os coloriu nas ficções literárias, sejam fabulísticas, heroicas, divinas ou fantásticas. (TOCANTINS, 2021, p. 73).

Entretanto, não utilizando essa abordagem como mero e superficial tema nas obras a serem produzidas, deve-se buscar subsídios que compreendam e apresentem a cultura amazônica e sua vasta identidade, social, ambiental e cultural, como argumentado sobre as “Lendas do Novo Mundo”, na obra *Cultura Amazônica – Uma Poética do Imaginário* de João de Jesus Paes Loureiro, por Ianni (2015, 19), “A arte tem sido uma forma de encantamento, mas também de conhecimento. A estética das linguagens artísticas pode levar consigo tanto o deslumbramento como o esclarecimento”.

Ianni (2015) afirma ainda que a Amazônia está no imaginário de todo o mundo, com suas riquezas naturais e humana, o que torna fator crucial a ser exposto na escola como conteúdo educativo. Assim, a contextualização da “temática amazônica” trazendo em seu contexto o caboclo, o índio e o negro enquanto gênero humano e seu legado cultural imaginário, torna-se significativa para esta pesquisa e atende ao proposto pela LDB de 2008, que determina a obrigatoriedade do estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio públicos e privados, bem como da BNCC 2017, que propõe a exploração, o conhecimento e a fruição em torno das práticas e produções artísticas culturais dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras ser de suma importância para o reconhecimento da arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível.

Nesse contexto encontra-se a obra “Amazônia - formação social e cultural” de Samuel Benchimol que apresenta os índios e os caboclos da Amazônia como uma herança cultural-antropológica:

O conhecer, o saber, o viver e o fazer na Amazônia colonial foi um processo predominantemente indígena. Os ameríndios que iniciaram essa ocupação e seus descendentes caboclos (do tupi *caá-boc*, “tirado ou precedente do mato”, segundo Teodoro Sampaio) desenvolveram as suas matrizes e seus valores, baseados no íntimo contato com o ambiente físico e biológico. O ciclo de vida se adaptava às peculiaridades regionais, dela retirando os recursos materiais de subsistências e as fontes de inspiração do seu imaginário de mitos, lendas e crenças. (BENCHIMOL, 2021, p. 35).

Para alicerçar a pesquisa em torno do mundo imaginário, este estudo se valeu de autores que se dedicaram a relatar obras do imaginário amazônico, enquanto histórias e fantasias lendárias. Dentre estes, trazemos Cleber Sanches (2004) com sua obra “Amazônia Mitos e lendas - seres encantados da floresta”, na qual em forma de poesia escrita apresenta os contos de muitos personagens mitológicos da região Amazônica como o Curupira, a Cobra-grande, a Iara e alguns outros nem tão conhecidos como Abaçai, Wakã e Gorgo. A obra de Cleber possui ilustrações que serviram de referências para os estudantes que participaram do projeto, assim como a obra *O Imaginário da Floresta – lendas e histórias da Amazônia de Vera do Val* (2007) com mais de 20 obras apresentadas com ilustrações ao estilo gravura. Valeu-se também de pesquisas na internet, bem como contos orais de ribeirinhos de comunidade interiorana local, que enriqueceram esta pesquisa a partir de oralidades que fazem parte da nossa cultura imaterial.

### 3 PRIMEIROS TRAÇOS - Metodologia

A sistematização metodológica da pesquisa, visando uma formulação de modelo metodológico, voltou-se, não apenas para a pesquisa em artes, mas também para a Pesquisa Educacional Baseada em Arte (PEBA), especificamente artes visuais. Vale ressaltar que dentro deste campo as metodologias são mais complexas e os resultados são menos exatos, diferentemente das ciências humanas e principalmente das ciências exatas. Para Zamboni (2012), possivelmente a arte é a área que possui mais subdivisões relativas ao conhecimento humano.

A pesquisa em arte possui características próprias a seu campo. Isto leva a uma abordagem específica do objeto artístico e exige questões metodológicas também específicas, porém, de acordo com Sandra Rey (2002), não existe uma metodologia única para pesquisa em artes visuais, e sim a necessidade de aplicar metodologias conforme artistas e/ou obras em análise. Ainda de acordo com Rey (2002), há uma diferença entre pesquisa *sobre arte*, uma pesquisa realizada por teóricos, críticos e historiadores que tomam como objeto de estudo a obra de arte para fazer análises pontuais ou estudos históricos por exemplo, e a pesquisa *em arte*, sendo esta, realizada pelo artista-pesquisador a partir do processo de instauração do seu trabalho.

Conforme o que foi abordado tem vista uma pesquisa que busca analisar a criação de desenhos em aulas de arte por estudantes da rede básica de ensino, esta metodologia visa utilizar métodos científicos adequados que norteiem o desenvolvimento da pesquisa na busca de resultados que possam responder essa problemática.

Porém, ainda conforme Rey (2002), a metodologia da pesquisa em artes visuais não pressupõe um método estabelecido a priori e passa a requerer uma postura diferenciada, pois o pesquisador neste caso constrói o seu objeto de estudo, ao passo que sua pesquisa está em desenvolvimento, assim o artista/pesquisador precisa produzir o seu objeto de estudo, estando a investigação em andamento, para que possa extrair as questões que irá investigar pelo viés da teoria.

Pensando em uma abordagem metodológica, é aplicado neste projeto o já bem conhecido conceito da professora Ana Mae Barbosa (2021) que consiste no tripé: produzir, ler e contextualizar arte, tendo vista essa abordagem está totalmente direcionada para a sala de aula, bem como para demais espaços que promovem a arte, especialmente as artes visuais. É de

suma importância ressaltar que este processo não é uma metodologia e nem uma proposta, pois como bem diz Ana Mae:

...baseadas na Abordagem Triangular, Abordagem Triangular ou Metodologia Triangular, as três designações pelas quais é conhecida, das quais eu elejo o título de Abordagem Triangular porque metodologia quem faz é o professor e proposta é uma palavra desgastada pelas mil e uma que são despejadas, à guisa de guias curriculares, pelos poderes hierárquicos em cima da cabeça do professor. (BARBOSA, 2021, p. 12).

Onde está escrito repetidamente Abordagem Triangular (conforme extraído do texto original), acredita-se que a autora está se referindo ao termo “Proposta Triangular”, pois ela mesma justifica em seguida.

Para o desenvolvimento deste projeto, os três eixos temáticos são caracterizados como ações a serem utilizadas em busca de melhor desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem, assim, foi possível aprender em contato com a arte exercitando ações complementares e conectadas.

Levar materiais teóricos e, principalmente, imagens para criar repertório, dialogar com os estudantes e exercitar técnicas que incluam o desenvolvimento do uso de materiais, enriqueceram o processo seguindo métodos concretizados de aplicação.

No processo de ensino e aprendizagem, digamos, numa escola de ensino fundamental, um desenho feito por uma criança pode ser fruto de uma pesquisa de materiais, de uma leitura de formas e linhas no espaço da obra de um artista e de uma formulação pessoal, como por exemplo esta: “posso criar um desenho com linhas”. A questão é sempre a mesma: o que o artista educador precisa aprender para propiciar a seus alunos experiências que considerem a sua faixa etária, desenvolvimento cognitivo, desenvolvimento artístico etc. (BARBOSA, 2021, p. 80).

Essa abordagem aplicada em sala de aula pôde fortalecer um maior e melhor desempenho no processo de ensino-aprendizagem, porém era necessário um procedimento que instigasse mais a experiência sensorial dos estudantes e do próprio professor enquanto pesquisadores e artistas. Dado o fato, a pesquisa tomou para si a trajetória traçada pelas professoras Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque, que fazem expedições em meios e contextos fora da sala de aula...

Percebemos que em cada expedição há tarefas singulares para cada um dos que dela participam. Não é uma excursão em que o passeio e o entretenimento não são os fatores principais, mas uma expedição conectada com um objetivo comum – algo a investigar, a estudar. Observando os vários procedimentos de expedições do passado, podemos verificar que cada participante ou grupos de participantes têm funções

específicas, colaborando para que o objeto de estudo da expedição possa ser vivido e percebido por múltiplos focos. (MARTINS E PICOSQUE, 2012, p. 51).

Mediação Cultural. Agregar à mediação o conceito de cultura gera novas conexões, tanto na relação como o contexto cultural da obra como no contexto cultural de quem é afetado por ela. E aí não podemos falar apenas de estar no meio entre dois, mais um “estar entre muitos”, de modo ativo, flexível, propositivo, atento ao outro. Um “estar entre” que não é entre dois, como uma ponte entre a obra e o leitor, entre aquele que produz e aquele que lê, entre o que sabe e o que não sabe, mas em meio a um complexo de pensamentos, sensações, histórias reatualizadas. (MARTINS E PICOSQUE, 2012, p. 47).

Diante disso, percorrer caminhos além da sala de aula propiciaram mais experiências sensoriais nos participantes, pois o mundo, além das quatro paredes da sala tem muito a ofertar, considerando que arte fala de vida, nada melhor que buscar essas experiências também na própria realidade, andariando em espaços muitas vezes não percebidos como meios de inspirações.

Ponderando os pontos de vistas abordados em uma pesquisa científica, é apresentada a seguir a configuração a qual ela se constitui.

Desse modo, considerando o desenvolvimento da pesquisa ser realizado simultaneamente com o desenvolvimento do objeto de estudo por meio de intervenção, a pesquisa aqui proposta do ponto de vista da sua natureza, configura-se como uma *pesquisa básica*, que tem por objetivo gerar conhecimentos novos e úteis para o avanço da ciência, envolvendo verdades e interesses universais, partindo de estudos voltados para o conhecimento em arte dentro de sala de aula.

Da abordagem do problema da pesquisa, esta configura-se como uma *pesquisa qualitativa*, considerando que existe uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito e que não é traduzido em números. Assim, tende a interpretação de fenômenos e a atribuição de significados, desconsiderando o uso de métodos e técnicas estatísticas. Os dados a serem coletados foram encontrados no ambiente natural, neste caso a escola e também ambientes externos, onde o pesquisador (professor de artes) é instrumento chave e o processo que será desenvolvido pelos estudantes proporcionará significados (resultados encontrados), constituindo os focos principais da abordagem.

Do ponto de vista dos objetivos, de acordo com Gil (1991), é uma *pesquisa descritiva*, buscando descrever características de determinada população ou fenômeno, ou do estabelecimento de relações entre variáveis, envolvendo o uso de técnicas padronizadas de

coleta de dados como questionários e observação sistemática. Neste caso ocorreu a descrição do processo de desenvolvimento da pesquisa e a aplicação da intervenção no contexto da escola.

Ainda de acordo com Gil (1992), do ponto de vista dos procedimentos técnicos, é uma *pesquisa bibliográfica*, pois é elaborada de material já publicado que servirão de base para o desenvolvimento do projeto. Este material é constituído de livros, artigos e de material disponibilizado na internet. Ressaltando ainda, o estado da arte compreender referencial que subsidiou tanto a teoria quanto à prática abordada neste projeto.

Dos procedimentos técnicos, é uma *pesquisa-ação*, haja vista que foi concebida e realizada como uma ação/resolução de uma situação coletiva. Nesta, pesquisador (professor de artes) e participantes (estudantes) envolvidos atuaram de forma cooperativa e participativa, pois se desenvolveu a partir da interação entre pesquisador e membros da situação investigada. De acordo com Thiollent (2011), o método de pesquisa-ação consiste essencialmente em esclarecer problemas sociais e técnicos, relevantes de forma científica, por meio de grupos em que se encontram pesquisadores, sujeitos da situação problema e outros interessados.

Enquanto método científico empregado na investigação, adotando uma linha de raciocínio, o mais apropriado foi o *método fenomenológico*, preconizado por Husserl, como um método que se preocupa com a descrição direta da experiência tal como ela é, constituindo uma realidade de forma social e que será entendida de acordo com o compreendido, o interpretado e o comunicado, assim a realidade possui variáveis existindo tantas quantas forem as suas interpretações e comunicações. O sujeito/ator, no caso desta pesquisa o professor e os estudantes passam a ser reconhecidos como personagens importantes no processo de construção deste conhecimento (GIL, 1999; TRIVIÑOS, 1992). Este método é empregado comumente em pesquisa qualitativa. Neste caso, o desenvolvimento do projeto aplicado na escola consistirá em um fenômeno a ser estudado, buscando compreender suas características e resultados.

#### Fases do Processo

O processo de intervenção foi executado em três fases, sendo a primeira fase realizada como formação de ideias, pesquisas, buscas de referências e elaboração de experimentos por meio de esboços, composta de anotações improvisadas à se concretizar em obras. Na segunda fase, ocorreram os procedimentos práticos operacionais, onde o uso de técnicas e manuseios de materiais consistiram no desenvolvimento deste processo, já se concretizando em obras. Por fim, na terceira fase, as obras realizadas não cessaram o processo, pois estas obras resultaram



em fruições que permearam conhecimentos, haja vista que tudo que se criou foi construído em processos, com isso promovendo diálogos.

Nesta metodologia é importante frisar alguns instrumentos metódicos em que o sensível, despertado por meio da arte, seja entendido de forma racional, para que o conhecimento não se perca na subjetividade, porém este racional também não pode tentar levar o sensível para o campo das normas objetivas extremas. Assim, verbalizar é um instrumento importante para explicar para as pessoas o que está sendo feito, considerando para o artista não ser fácil descrever seu trabalho, entretanto esse instrumento proposto ajudou a estabelecer ideias mais esclarecidas.

Foi necessário criar estratégias, neste caso especificamente o uso de diário de anotações e principalmente esboços artísticos durante o processo prático que proporcionou o registro de ideias e pensamentos sem censura. Isto influenciou no processo criativo e o uso de imagens para diálogos possibilitou maior fruição do processo, além da própria experiência do professor/artista.

É nesse momento e como dito anteriormente por Sandra Rey (2002) argumentado nessa seção sobre metodologia que a pesquisa tomou para si os méritos de investigação propostos pela Pesquisa Educacional Baseada em Arte (PEBA), usando os méritos da a/r/tografia, não esquecendo claro, da proposta do programa de mestrado Prof-Artes e de sua linha de pesquisa: “Processos de ensino, aprendizagem e criação em artes”, a qual este projeto foi submetido.

Considerando ainda que o estudo está direcionado para a linguagem das artes visuais especificamente a criação de desenhos, ou seja, estudo no campo imagético, a/r/tografia compreende metodologias visuais e encaixou-se de forma perfeita para que o processo estabelecido compreendesse inclusive questões que surgiram no andamento do mesmo. A cerca da escolha de imagens para se trabalhar com produção de imagens Raimundo Martins (2013) afirma:

É escolher e organizar fluxos imagéticos que se espalham no tempo, realidades múltiplas que se constroem, ficções que se tornam realidades. Ao pensar com imagens, buscamos possibilidades de promover outros espaços e ideias, extraíndo dos fluxos do tempo oportunidades de ensinar, aprender, socializar, politizar, educar e criticar nos contrapondo a homogeneidades históricas, artísticas e educacionais. (MARTINS, 2013, p. 85).

Neste caso, faz-se saber que as imagens para referências são meios essenciais na busca de criação de repertório e não como modelo para cópia. Nesse contexto, Parintins, cidade onde

se localizam as escolas a qual este projeto foi submetido, é reconhecida por seu magnífico festival folclórico, contudo, como constatado no levantamento de dados por meio de questionários e entrevistas para a fundamentação da pesquisa, ao se tratar de desenho, não há muito estudo e entendimento do desenho, enquanto linguagem artística que compreende questões teóricas, ficando mais como direcionados a técnica.

Apropriando-se da a/r/tografia, a pesquisa e a intervenção juntas tornaram-se uma investigação, pois buscaram sempre um caminho (processo), reconhecendo que as respostas que surgiram puderam gerar novas perguntas e novos processos. Assim o proponente, enquanto sujeito da pesquisa, usou a sua prática artística que revelou uma prática educativa e essa prática educativa revelou uma prática artística, que fez parte da pesquisa. Na a/r/tografia a pesquisa pôde se apresentar como arte, daí o termo *Grafia= escrita*. A identidade fez o pesquisador se permitir, pois o papel docente precisa ser criativo e o papel do artista precisa ser educativo!

Contudo, para a pesquisa, muito mais importante do que achar respostas é saber posicionar questões. A arte, enquanto produto de pesquisa, não pode limitar-se simplesmente a repetições de fórmulas, todavia deve avançar as questões da arte e da cultura para uma compreensão de novos ângulos. Assim, o artista/pesquisador/professor tem o desafio de propor avanços no desenvolvimento de conhecimentos, neste caso, especificamente em artes visuais.

#### **4 CONCEPÇÃO E ESBOÇO - Proposta Pedagógica**

De forma objetiva, cada uma das etapas desenvolvidas neste projeto de pesquisa e respectivos processos foram executadas em contexto de aulas, considerando procedimentos metodológicos, embasados em pesquisas e estudos, porém sem deixar de alinhar-se a BNCC e ao Referencial Curricular, ponderando as Habilidades, os Objetos de Conhecimento e os Procedimentos Metodológicos como mostram os Planos de Ensino (Ver apêndice). Essas etapas nortearam a intervenção realizada e permitiram maior organização durante sua execução podendo prever contratemplos e outras implicações. Com isto, seguindo a proposta pedagógica, as possibilidades de sucesso tornaram-se mais favoráveis.

Antes de iniciar a intervenção do projeto, ou seja, colocar o lápis no papel, foi necessário estabelecer roteiros e cronogramas, bem como ter a definição das escolas e das turmas que fizeram parte do processo.

A partir do interesse mostrado de forma específica por duas turmas de escolas distintas, foi estabelecido a aplicação do projeto na Escola Estadual Irmã Sá em uma turma de 7º ano e no Colégio Batista de Parintins em uma turma de 8º ano.

Vale ressaltar, que na turma de 7º ano da Escola Irmã Sá, o processo iniciou quando os estudantes cursavam o 6º ano que correspondia ao primeiro ano de estudo no Mestrado Profissional ao qual este projeto é vinculado. Considerando a escolha desta turma partir de uma sugestão do orientador do projeto, ponderando este público estar estudando pela primeira na Escola Irmã Sá e iniciando o nível de Fundamental II, com isso possibilitando um primeiro contato com a metodologia proposta pelo professor-pesquisador, uma vez que se poderia explorar os conhecimentos que os mesmo traziam de suas vivências.

Já a turma de 8º ano do Colégio Batista foi contemplada após os estudantes saberem do projeto em uma das aulas e clamarem para que tal projeto pudesse ser aplicado na escola, para que estes tivessem a oportunidade de participar.

##### **Aula 01**

Na primeira aula começamos o processo com a apresentação da proposta, diálogos sobre desenho, criatividade, lendas amazônicas e pudemos visualizar algumas referências de obras (Figura 1) que já serviram como produção de repertório e também inspiração para o

desenvolvimento dos desenhos. A partir de então, abordamos conceitos, história da arte, análise e diálogo sobre imagens.

Foi importante pedir para que os estudantes fizessem um desenho livre (Figuras 2 e 3), não aquele *mero deixar fazer*, mas um fazer que pudesse apresentar como um cartão de visitas o que eles tinham de conhecimento naquele momento sobre desenho enquanto linguagem, técnica e estilos.

De início logo percebi o que eu já sabia, relacionado ao grande interesse dos estudantes sobre o desenho de estilo naturalista-realista, bem como a busca pelo hiper-realismo, isso é dado à grande influência que se tem por conta do festival folclórico local que tem como característica o uso de arte visual voltada para esse estilo.

Figura 1- Estudantes conhecendo obras em livros



Fonte: Próprio autor

Figura 2- Produção de desenho livre



Fonte: Kássia Batalha

Figura 3- Produção de desenho livre



Fonte: Próprio autor

## Aula 02

Nesta etapa foram situados os ambientes onde ocorreram as práticas artísticas como aulas, porém não somente na sala propriamente dita, mas também em laboratório e ambientes externos.

Visita à galeria de arte (Figura 4), produção de desenhos em praças (Figura 5 e 6) e em ambientes dentro do campo da escola (Figura 7), foram os lugares escolhidos com o intuito de fazer os estudantes se encontrarem naquilo que a pesquisa entende como andarilhar na cultura. Essa ação fez com que houvesse ampliação de repertório e proporcionasse meios experimentações e inspirações, instigando a criatividade e promovendo de forma sensorial experiências que colaboraram para o desenvolvimento das obras dos estudantes como obras de arte.

Figura 4- Visita em galeria de arte



Fonte: Kássia Batalha

Figura 5- Produção de desenhos em praça



Fonte: Próprio autor

Figura 6- Produção de desenho em praça



Fonte: Próprio autor

Figura 7- Produção de desenho fora da sala de aula



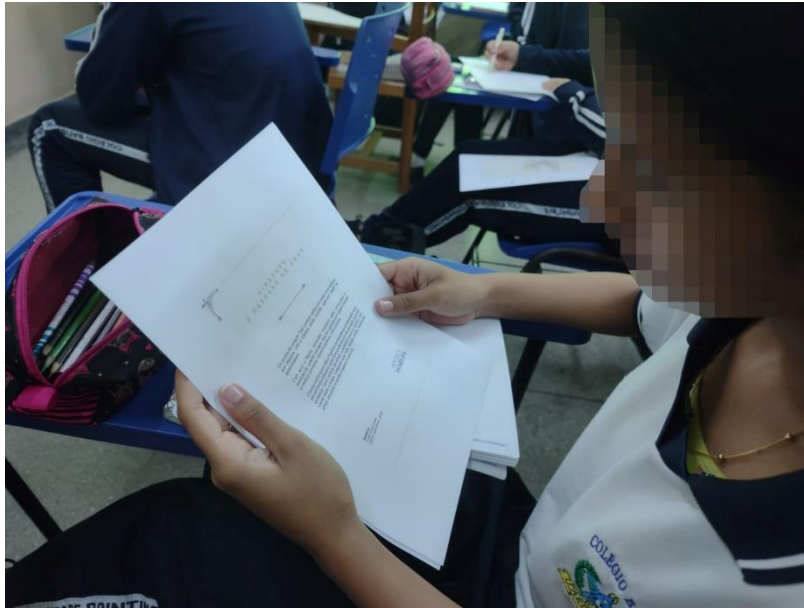
### Aula 03

Nesta aula já com a finalidade de que os estudantes pudessem buscar e escolher as lendas a serem configuradas em desenhos, demos início a sugestões e escolhas de algumas lendas a serem trabalhadas (Figuras 8 e 9). Foi importante agilizar esse processo, pois assim eles puderam fazer logo suas pesquisas, ganhando mais tempo para desenvolvimento dos desenhos.

As histórias apresentadas aos estudantes foram extraídas de livros impressos, bem como de material digital, e também de algumas narrativas que os estudantes têm a partir de contos familiares. Foi perceptível que quase todos conheciam as personagens de lendas, mas não a história como um todo. A seleção ficou a cargo do próprio estudante com o intuito de que este tivesse a liberdade de escolha.



Figura 8- Leitura de lendas amazônicas



Fonte: Próprio autor

Figura 9- Leitura de lendas amazônicas



Fonte: Próprio autor

#### Aula 04

Esta etapa contemplou aulas no espaço escolar, utilizando a própria sala de aula (Figura 10), e quando necessário, para melhor desenvolvimento, foi utilizada a sala de laboratório (Figuras 11 e 12), planejada e organizada pelos professores da própria escola com o intuito de explorar experiências e habilidades artísticas.

Estudos de desenho gestual (Figura13), desenho contínuo, bases de anatomia e proporção, além de bases de perspectivas foram temas abordados a partir deste encontro, pois foi necessário trabalhar com os estudantes o ensinamento destes conceitos para que eles pudessem compreender bases técnicas de desenho. Materiais pedagógicos como livros e impressos de obras de arte foram constantemente utilizados como subsídios de referência.

Nesta aula, foi importante mostrar para os estudantes que o desenho pode ser ensinado e aprendido, não sendo um dom sobrenatural como muitos acreditavam ser.

Figura 10- Aula de desenho



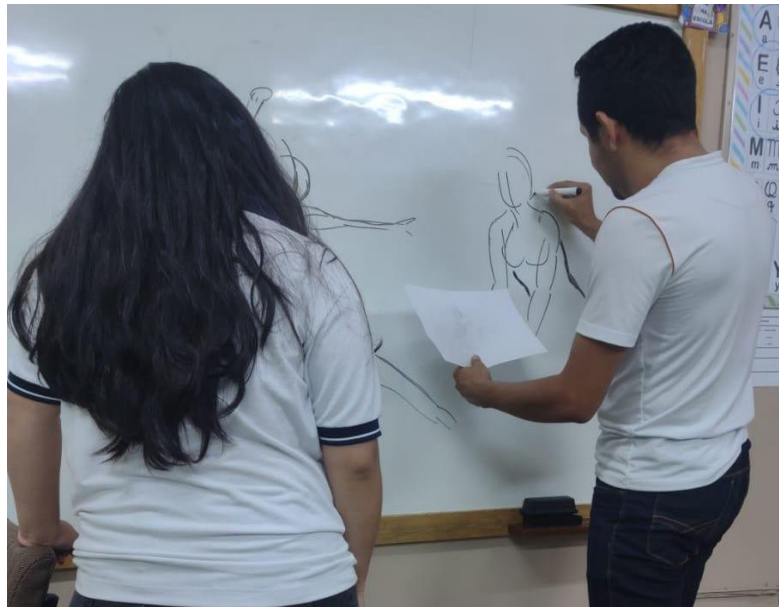
Fonte: Próprio autor

Figura 11- Aula de desenho



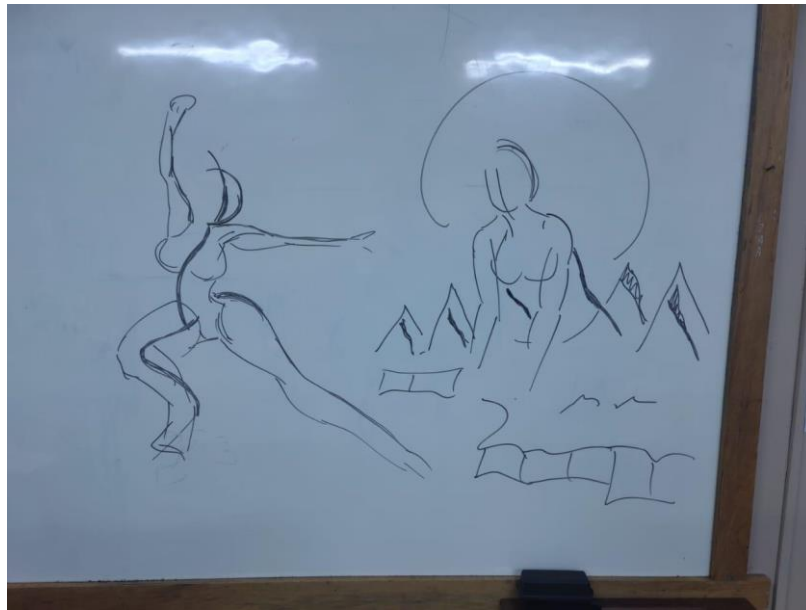
Fonte: Kássia Batalha

Figura 12- Aula de desenho



Fonte: Kássia Batalha

Figura 13- Ensino de desenho gestual



Fonte: Próprio autor

#### Aula 05

Nesta fase demos início a produção de esboços (Figuras 14, 15 e 16), para concepção da ideia em si e também o estudo voltado para as técnicas e os estilos dos desenhos que foram empregados. Cada estudante, assim como na escolha da lenda, tiveram a liberdade de escolher o material e o estilo que lhe interessava.

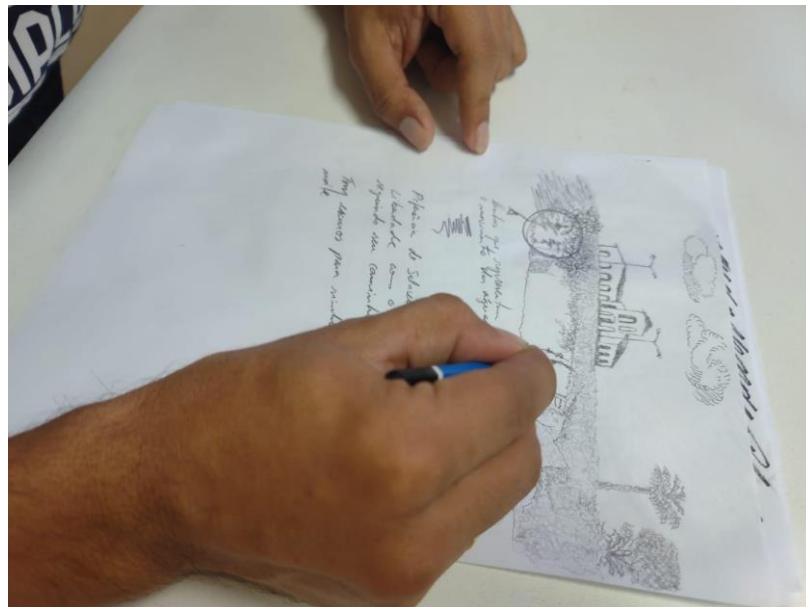
Aqui, trabalhamos uma aula mais voltada para o ensinamento de estilos diversos como o naturalismo-realismo, o cartum e um pouco de mangá, que serviu apenas como conhecimento, mas não foi utilizado. Nesse momento também ocorreu o ensinamento do uso de materiais que precisou ser feito simultaneamente devido ao tempo que se gastaria se fosse aplicado de forma separada.

Figura 14- Professor em concepção de esboço



Fonte: Kássia Batalha

Figura 15- Concepção de esboço do professor



Fonte: Kássia Batalha

Figura 16- Estudantes em concepção de esboços



Fonte: Kássia Batalha

#### Aula 06

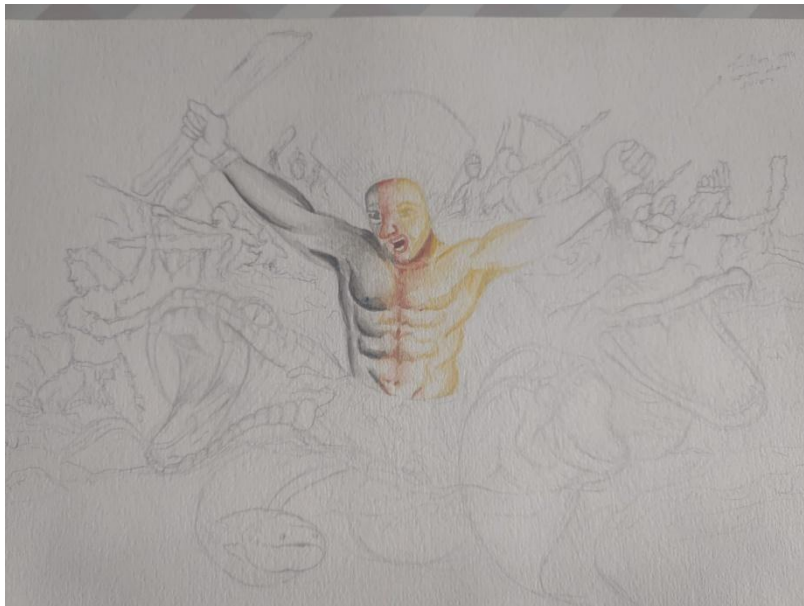
Nesta aula houve a continuação dos esboços e deu-se início à produção dos desenhos (Figuras 17 e 18) pelos estudantes mediante o acompanhamento do professor. É importante ressaltar que neste momento, por mudança de estilo ou técnica, alguns estudantes optaram em refazer seus desenhos.

Figura 17- Estudante em produção de desenho



Fonte: Próprio autor

Figura 18- Desenho de estudante



Fonte: Próprio autor

## Aula 07

Dando sequência na atividade dos desenhos, os estudantes avançaram em suas produções (Figuras 19 e 20). Neste momento alguns erros surgiram comprometendo a qualidade de algumas obras, com isso houve a necessidade de refazer alguns desenhos desde o início. Porém foi notório que boa parte dos estudantes já se sentiam confiantes e puderam caminhar com segurança no processo.

Figura 19- Produção de desenhos



Fonte: Próprio autor

Figura 20- Produção de desenho



Fonte: Próprio autor



### Aula 08

A partir deste momento vimos a necessidade de trabalharmos fora da sala de aula, e isso pôde dar aos estudantes maior possibilidade de desenvolvimento sem estarem presos ao curto tempo de 45min.

Em horário alternativo na escola, bem como em suas casas com acompanhamento via WhatsApp, os estudantes continuaram seus desenhos, assim, eles puderam desenvolver mais autonomia, arriscando no uso de materiais e no próprio procedimento adotado.

Figura 21- Estudantes em produção de desenhos



Fonte: Próprio autor

Figura 22- Estudante em produção de desenho



Fonte: Próprio autor

#### Aula 09

Chegando nesta fase, ocorreu a finalização das obras na escola (Figuras 23, 24 e 25). Muitas ideias ainda surgiam pelos estudantes que ficavam tentados em encontrar um meio de aplicá-las, porém eles puderam entender que se modificassem radicalmente a proposta concebida em esboço o projeto seria outro e poderia gerar algo não desejado. Assim, compreenderam que o esboço feito lá no início é peça chave na produção de um desenho. Contudo a satisfação por parte dos estudantes e do professor foi muito grande, dado ao fato de que o material gerado alcançou um nível bem elevado, considerando o pouco tempo disponível e a pouca habilidade técnica da maioria.

Figura 23- Estudante em processo de arte-finalização



Fonte: Próprio autor

Figura 24- Estudante em processo de arte-finalização



Fonte: Próprio autor

Figura 25- Estudante em processo de arte-finalização



Fonte: Próprio autor

## Aula 10

Esta consistiu-se como etapa final, quando ocorreu a apresentação das obras finalizadas para as turmas participantes. Nesta fase os desenhos não foram apenas expostos, mas houve um diálogo acerca do processo de produção como um todo. Assim, houve a oportunidade de cada participante registrar seu processo, abordando seus aprendizados e dificuldades. Já os demais estudantes tiveram a oportunidade de entender como funciona a produção de uma obra, desde pesquisas e concepções, até a produção e apresentação. Materiais produzidos (esboços e obras finalizadas) juntamente com os registros da pesquisa tornaram-se objetos de análises a serem apresentados em sala de aula.

## 5 GALERIA DE OBRAS

Nesta seção são expostas as obras produzidas pelos estudantes e o professor que participaram deste projeto, onde podem ser contempladas as criações, as técnicas e os estilos empregados no processo. Destaca-se a qualidade dos resultados alcançados, considerando a primeira experiência de alguns no âmbito do desenho e de outros relativo ao uso de materiais e técnicas.

Entre as obras de características monocromáticas, percebe-se o uso do grafite, do carvão vegetal e da caneta nanquim. Já nas obras com policromia, o uso do lápis de cor com técnicas seca e aguada são as mais presentes, contudo há também o uso de técnicas mistas explorando possibilidades e criatividade.

Figura 26- Desenho da Lenda do Boto



Fonte: Estudante participante do projeto

Figura 27- Desenho da lenda de Ajuricaba



Fonte: Estudante participante do projeto

Figura 28- Desenho da lenda das Icamíabas



Fonte: Estudante participante do projeto

Figura 29- Desenho da lenda do Tarumã



Fonte: Estudante participante do projeto

Figura 30- Desenho da lenda da Maria Fumaça



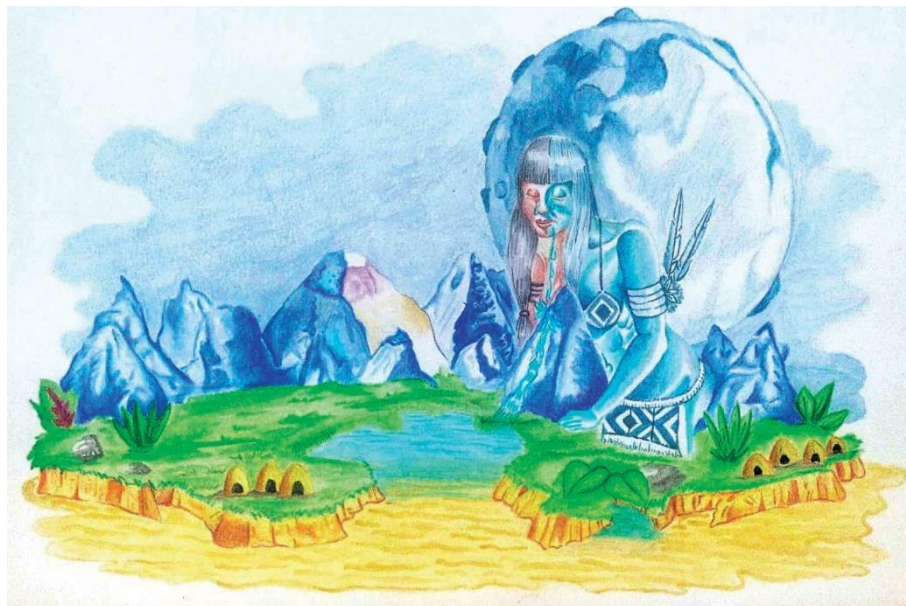
Fonte: Estudante participante do projeto

Figura 31- Desenho da lenda do Curupira



Fonte: Estudante participante do projeto

Figura 32- Desenho da lenda do Rio Amazonas



Fonte: Estudante participante do projeto



Figura 33- Desenho da lenda do Mapinguari



Fonte: Estudante participante do projeto

Figura 34- Desenho da lenda de Naiá



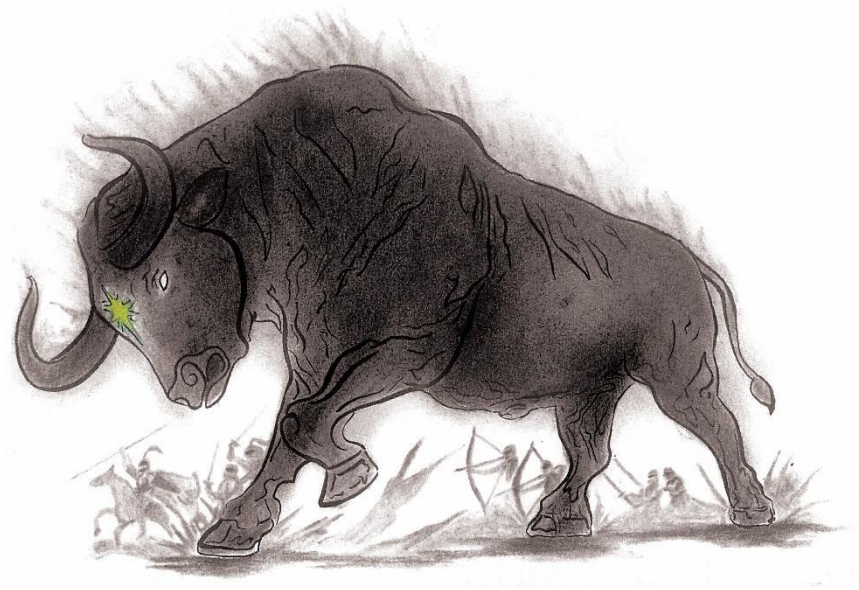
Fonte: Estudante participante do projeto

Figura 35- Desenho da lenda de Poré (O pai do raio)



Fonte: Estudante participante do projeto

Figura 36- Desenho da lenda de Dom Sebastião (O Touro Encantado)



Fonte: Estudante participante do projeto

Figura 37- Desenho da lenda do Navio Fantasma Uaicurapá



Fonte: Próprio autor

## 6 COMPREENDENDO A OBRA - Resultados e Discussões

Este projeto, que desde a sua concepção almejou desenvolver a criação de desenhos com a temática do imaginário amazônico, alcançou todas as metas estabelecidas a partir do que foi seguido, com base nos autores que aqui fundamentam tal projeto, bem como as diretrizes propostas pela BNCC, seguindo cada etapa planejada, porém se adequando com as novas possibilidades de melhorias que se aplicaram para que a proposta ganhasse consistência e superasse os desafios que surgiram durante o percurso.

Quando a proposta foi planejada para ser submetida ao programa de Mestrado Prof-Artes, levei em consideração a prática do desenho que é muito forte na cidade de Parintins. E isto poderia ser positivamente bem explorado, no entanto, sabia que precisaria trabalhar a parte teórica que ainda há muito a ser estudada e compreendida.

No que diz respeito a abordagem temática do imaginário amazônico, projetei a possibilidade de explorar o que vivenciamos como cultura imaterial, aspecto que se tornou algo de grande importância, uma vez que mesmo fazendo parte de vida dos envolvidos na pesquisa, poucos conhecem de fato as histórias que fazem parte de nossa identidade e tradições culturais.

Ser professor de Arte, licenciado em Artes Visuais, bacharelado em Design com experiências em desenho e produção de imagens foi fator que me permitiu contribuir de maneira significativa para com o desenvolvimento deste projeto, conhecendo muitos recursos e meios de aplicação que permitiram o decorrer das fases ser conduzido de forma confiante.

Cada fase precisou ser bem analisada e estruturada, com isso os objetivos desejados puderam ser concretizados, mesmo ponderando as dificuldades de se adequar e aplicar tal projeto em ambiente escolar da rede básica de ensino, ficou comprovado que foi possível o desenvolvimento e o alcance de resultados satisfatórios.

A primeira fase contemplou a leitura e a contextualização das imagens. Isto quer dizer que se fez necessário o estudo de imagens a partir de teoria e história principalmente do desenho, para que os estudantes entendessem o caminho a seguir. Nesta fase houve uma abordagem para o que se desejava e o que os estudantes poderiam fazer, nesse momento houve a seleção das turmas que participaram do processo.

Na segunda fase foi explorado o fazer artístico, neste colocamos em prática o que foi planejado e teorizado na fase anterior. Estudos de técnicas e desenvolvimento de habilidades

foram bastante explorados com o intuito de desenvolver as obras atendendo o interesse dos estudantes sem fugir das propostas pré-estabelecidas.

Vale ressaltar que os estudantes colaboradores tiveram liberdade de concepção, escolha de estórias, estilos e técnicas. No entanto, o professor contribuiu com as orientações devidas, porém sem atuar diretamente na produção das obras, permitindo, assim, com que os próprios estudantes fizessem a total execução de seus trabalhos. É importante mencionar que durante a execução prática o acesso aos materiais não foi um empecilho, considerando o fácil acesso na cidade e muitos serem disponibilizados pelo próprio professor, entretanto destaca-se que a proposta era a de se trabalhar com materiais mais comuns e/ou alternativos, uma vez que material de arte possui valor alto e muitos dos estudantes não possuem condições financeiras para adquiri-los. Neste momento alguns estudantes que se destacaram e foram selecionados para terem suas obras apresentadas.

Já a terceira fase contemplou a fruição do projeto por todos os participantes e de outras turmas que não participaram também. Deste modo, o projeto não envolveu apenas quem produziu as obras, mas também toda a comunidade escolar, pois ao dialogarmos com os demais estudantes, difundimos conhecimento em arte apresentando suas fases de concepção, execução e exposição. Isso permitiu aos estudantes participantes reconhecerem potenciais até então ocultos e abriu portas para que outros despertassem interesses no assunto. Ressalta-se ainda o que antes parecia ser apenas uma metodologia a se aplicar em sala de aula, transformou-se em um gigantesco meio de conhecimento e produção de arte na escola.

Com a execução das três fases, conclui-se que foi essencial seguir cada uma delas, para que a proposta fosse efetivada de maneira assertiva, e que cada passo a ser seguido foi de fundamental importância para o sucesso deste estudo que vai muito além de sua conclusão, pois vínculos foram estreitados entre os participantes por intermédio da comunicação tecnológica (via grupo de WhatsApp), para manter a conectividade durante toda a execução do projeto e além, haja vista que o grupo criado ainda se mantém ativo como meio de continuar o diálogo sobre desenho, ou seja, foi-se criado um “vínculo desenhista”.

O reflexo positivo dos resultados é percebido nas falas dos estudantes que participaram, em que se pode identificar o nível de satisfação de cada um e os conhecimentos adquiridos com essa experiência, tanto em termos teóricos, quanto práticos e também metodológicos. Muitos ficaram surpresos com o próprio desempenho, bem como com o resultado final do seu desenho, visto que alguns relataram que não imaginaram desempenhar

um projetos com qualidade elevada. De tal modo, mesmo aqueles estudantes que não pretendem ser artistas entenderam esse processo de ensino-aprendizagem como algo agregador que lhes proporcionou um repertório intelectual e cultural a subsidiar suas vivências em um mundo de constantes e rápidas mudanças e perceberam também que os conhecimentos adquiridos serão importantes para toda a vida

Assim, pôde-se contribuir para com o desenvolvimento dos estudantes como seres humanos, pois como dito anteriormente, o desenho é meio de comunicação e expressão, e o ensino de arte tendo o desenho como recurso pautado no processo criativo por meio da experiência acarreta uma nova educação com sensibilidade que contribuirá para a formação das futuras gerações.

Refletindo para além da conclusão do projeto como parte de uma pesquisa, anseia-se a produção de exposições, enquanto mostra pedagógica dos resultados para a comunidade escolar, bem como para a sociedade posteriormente e isso será de suma importância, gerando maior alcance. Neste momento, os estudantes, juntamente com o professor, construirão a exposição pensando o processo como curadoria educativa, não apenas pendurando quadros, mas oferecendo ao público oportunidades diferenciadas de conhecer arte.

As exposições deverão ser realizadas em escolas, com a finalidade de valorização do ambiente escolar, oportunizando a sociedade a reconhecer valores agregados no ensino proposto pelos educandários. Além das obras, farão parte da exposições os esboços produzidos pelos próprios estudantes. Um livro contendo os registros e relatos a ser disponibilizado na biblioteca das escolas como material de consulta e referência bibliográfica também faz parte da proposta almejada.

Contudo, mesmo com as dificuldades que surgiram durante o percurso, seja, por limitação de tempo, seja por espaço mais adequado e também falta de experiência da maioria dos participantes, não impediram que o resultado alcançasse grande êxito.

Como professor, destaco a ação docente ser potencializada e o processo de ensino torna-se mais eficaz. Como pesquisador considero as descobertas em torno do assunto abordado (desenho) agregaram mais conhecimentos. Como artista avalio minha experiência sendo enriquecida. Para os estudantes houve um despertar e compreensão no processo de aprendizagem e para a comunidade escolar gerou-se uma nova possibilidade de estudos e conhecimentos com base na pesquisa científica.

## **7 O DEVANEIO E A REALIZAÇÃO - Considerações Finais**

Ensinar e aprender arte é um privilégio, porém precisa ser mais bem explorado, pois ao renegar o devido valor à arte, joga-se fora condições de compreensão existencial, uma vez que arte é vida e não palavras vazias. Assim, parafraseando John Dewey, a vida é feita de experiências e na arte é onde se tem experiências com mais intensidade. Arte é cultura, e cultura é nossa identidade, nela encontramos os nossos valores.

Manter a arte no âmbito educacional permite que todos tenham a oportunidade de regozijar-se da beleza do conhecimento de si, de outros e do mundo. A prática artística alicerçada em teoria nos faz seres mais sensíveis e de caráter aperfeiçoado, pois o sensorial e o cognitivo estando de mãos dadas nos permitem tomar decisões mais corretas de forma individual e também coletiva. Pela falta desses fatores, o mundo e os seres que nele habitam estão sofrendo com as mazelas do descaso, da guerra e de corrupções. Ataques à natureza e ataques a si mesmos forjam o caos que se estabelece e poucos são os que conseguem interpretar as “imagens” e sinais que repercutem nos quatro cantos.

Possibilitar um projeto de cunho artístico-educacional é colorir as escolas com todas as cores disponíveis na paleta do artista. É fazer ecoar os melhores sons, contemplando o movimento da vida e abrir as cortinas do palco onde o ator principal é aquele que participa e se encanta com tudo o que aprende desse universo fantástico.

Levar tal projeto para escolas em meio à floresta Amazônica é dar importância e valorizar pessoas que precisam de mais atenção, estes que quando terminam o curto tempo de uma única aula semanal clamam por mais arte e podem se revelar como revolucionários para o bem.

Assim, torna-se papel da escola estabelecer os vínculos entre os conhecimentos escolares sobre a arte e os modos de produção e aplicação desses conhecimentos na sociedade. Por isso se considera relevante a análise deste tema, ponderando os reflexos e os impactos que poderão ocorrer no âmbito educacional e social.

Desse modo, espera-se que a criação de desenhos provoque experiências e vivências artísticas que contribuam de forma expressiva com a aprendizagem na rotina educacional. Para tanto, o professor deve ser o grande colaborador com a mediação, fazendo com que os estudantes passem por um conjunto amplo de experiências no aprender e no criar, articulando

a percepção, a imaginação, a sensibilidade, o conhecimento e a produção artística em caráter pessoal e/ou grupal.

De tal modo, o ensino e a aprendizagem em arte que se processou criadoramente neste projeto contribuíram para com o conhecer, o admirar, o divertir e o explorar do desconhecido, arriscando proposições ousadas, satisfazendo-se com descobertas e propiciando aos estudantes um deleitar-se das aprendizagens que alcançaram.

Com relação ao programa de mestrado, o fato de as aulas ocorrerem 100% à distância devido à pandemia da COVID 19, a meu ver estabeleceu algumas dificuldades, por um lado, não permitindo um desempenho melhor o que poderia ser alcançado com a presença e a interação direta com professores e colegas de turma, mas por outro, foi a oportunidade para aqueles mestrandos como eu que moram em municípios longe da sede da Universidade. Estar em sintonia com professores qualificados e colegas das linguagens de artes (artes visuais, música, dança e teatro) permitiu que a gama de saberes e a troca de informações e experiências fosse muito intensa.

Durante esse período, alguns problemas pessoais quase me fizeram desistir, todavia, com a força de Deus, a perseverança da família, o apoio de professores e colegas do Prof-Artes e principalmente dos meus estudantes que participaram do projeto fizeram com que este alcançasse a realização. Com o auxílio das escolas, dos estudantes e de seus próprios responsáveis, este projeto de pesquisa caminhou conforme o esperado e conseguiu atingir seus objetivos almejados.

Contudo, o compreender da educação em arte ser um grande meio de conhecimentos repletos de informações sobre conteúdos e experiências relacionados à vida, principalmente, no que se refere à sociedade e à cultura, possibilitou a realização deste projeto que, de início era encarado como simples, porém, mesmo tendo essa essência, encontrou a relevância necessária para aplicação e a produção de conhecimento, na perspectiva do que poderia ser oferecido à sociedade enquanto ciência e colaborando significativamente para a educação sistemática.



## GRANDES INSPIRAÇÕES - Referências

- BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no Ensino da Arte** / Ana Mae Barbosa. – São Paulo: Perspectiva, 2019.
- \_\_\_\_\_. **Redesenhando o desenho: Educadores, política e história** / Ana Mae Barbosa. – São Paulo: Cortez, 2015.
- BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da. **A Abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais [livro eletrônico]** / Ana Mae Barbosa, Fernanda Pereira da Cunha (orgs.). 1.ed – São Paulo: Cortez, 2021.
- BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão (orgs.). **Arte/Educação como mediação cultural e social**. – São Paulo: Editora Unesp, 2009.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George (ED.). **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia – formação social e cultural**. 4 ed. / Samuel Benchimol. – Manaus: Editora Valer, 2021.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Fundamentos Pedagógicos e Estrutura Geral da BNCC. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 21 maio. 2021.
- \_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC/SEF, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.
- BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (ORG.). **O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas** / organizado por Blanca Brites e Elida Tessler. – Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 2002. (Coleção visualidade;4).
- CAVELAGNA, César. **Como criar personagens** / do desenhista e roteirista César Cavelagna. – São Paulo: Editora Europa, 2012.
- COSTA, Jairo. **Amazônia fantástica: os mais extraordinários mitos, lendas e mistérios da grande floresta**. – Salvador: Editora Bamboo, 2013.
- CUMMING, Robert. **Arte em detalhes** / Robert Cumming; [tradução Maria da Anunciação Rodrigues]. – São Paulo: Publifolha, 2010. – (Coleção em detalhes).
- DAIKUBARA, Mike Yoshiaki. **Desenhe primeiro, pense depois: comece a desenhar mesmo que você não tenha tempo, habilidade nem ferramentas** / Mike Yoshiaki Daikubara; [tradução Denis Fracalossi]. - São Paulo: Gustavo Gili, 2018.
- DERYK, Edith. **Disegno. Desenho. Desígnio** / Edith Derdyk. - São Paulo: Editora Senac, 2007.
- DERYK, Edith. **Linha de horizonte: por uma poética do ato criador**. 2ª edição. / Edith Derdyk. Apresentação de Cecília Almeida Salles- São Paulo: Intermédios, 2012.

- DEWEY, John. **Arte como experiência**. Tradução Vera Ribeiro; introdução: Abraham Kaplan. – São Paulo: Editora Martins, 2010.
- DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. **Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia** / Belidson Dias e Rita L. Irwin (organizadores). – Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.
- EDWARDS, Betty. **Desenhando com o lado direito do cérebro** / Betty Edwards; tradução Ricardo Silveira. – Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.
- ERNST, Bruno. **O espelho mágico de M. C. Escher** / Bruno Ernst; tradução Maria Odete Gonçalves Koller. – Hohenzollernring: Taschen, 2007.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa** / Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; coordenação de edição Marina Baird Ferreira. – 8º ed. – Curitiba: Positivo, 2010. 960 p.: i.
- FUNDAMENTOS DEL DIBUJO ARTÍSTICO. Tradução Ivone C. Benedetti. **Fundamentos do desenho artístico**. - São Paulo: Editora Ltda., 2007. FUNDAMENTOS DEL DIBUJO ARTÍSTICO. Tradução Ivone C. Benedetti. **Fundamentos do desenho artístico**. - São Paulo: Editora Ltda., 2007.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.
- KLEON, Austin. **Roube como um artista – o diário: um caderno de anotações para cleptomaniacos** / Austin Kleon; tradução de Tiago Lyra. – 1. Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.
- KRAHULA, Beckah. **Desenho Zen** / Beckah Krahula; tradução de Bruno Alexander; Rio de Janeiro: Sextante, 2016.
- HÜBNER, Jens. **A prática do urban Sketching: 25 exercícios para desenhar na rua** / Jens Hübner; tradução Denis Fracalossi. – Osasco, SP: Gustavo Gili, 2020.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1993.
- LEE, Alan. **The Lord of the Rings - Sketchbook**. / Alan Lee. – New York: HarperCollins Publishers, 2005.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **A conversão semiótica na arte e na cultura**. / João de Jesus Paes Loureiro. – Belém: Editora Universidade Federal do Pará-UFPA, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário** / João de Jesus Paes Loureiro. 5ª ed.– Manaus: Valer, 2015.
- MANGUEL, Alberto. **Lendo Imagens: uma história de amor e ódio** / Alberto Manguel; tradução de Rubens Figueiredo, Rosaura Eichenberg, Cláudia Strauch. – São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MARTINS, Celeste Mirian; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, Terezinha. M. **Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte**. – São Paulo: FTD, 1998.
- MARTINS, Celeste Mirian; PICOSQUE, Gisa. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. – São Paulo: INTERMEIOS, 2012.

Materiais e Técnicas: **guia completo** / tradução Joana Angélica D'Ávila Melo. – 2ª.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

NICOLAÏDES, Kimon. **The Natural Way to Draw** / by Anne Nicolides. – Boston: Houghton Mifflin Company Boston, 1990.

MORETTI, Fernando. **Aprenda a desenhar cartuns** / Fernando Moretti. – São Paulo: Criativo, 2012.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de (Org.). **História da Arte no Brasil** / Textos de síntese. 146 p. 2008. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação** / Fayga Ostrower. – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1978.

\_\_\_\_\_. **Universos da Arte** / Fayga Ostrower. – Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 2013.

REY, SANDRA. Por uma Abordagem Metodológica da Pesquisa em Artes Visuais. *In*: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (org.). **O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas** / organizado por Blanca Brites e Elida Tessler. – Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 2002. p. 124-140. (Coleção visualidade;4).

SANCHES, Cleber Cid Gama. **Amazônia Mitos e lendas - seres encantados da floresta** / Cleber Cid Gama Sanches. – Manaus: Valer, 2004.

SANS, Paulo de Tarso Cheida. **Pedagogia do Desenho Infantil**. – Campinas: Editora Alínea, 2014, 4ª edição.

SELBACH, Simone. **Arte e Didática** / Simone Selbach -supervisão geral, (Coleção Como Bem Ensinar/coordenação Celso Antunes) vários autores. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SUASSUNA, Ariano. **Iniciação a estética**. (Biblioteca Áurea) - Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2018.

SZUNYOGHY, András. **Desenho - A grande escola** / András Szunyoghy; tradução portuguesa Isabel Remelgado. – Potsdam, Alemanha: h.f. ullmann publishing, 2011.

TASCHEN, Bendikt. **Gravura e desenhos - M. C. Escher** / Benedikt Taschen Verlag GmbH; tradução Maria Odete Gonçalves-Koller. – Hohenzollernring: Taschen, 2008.

TOCANTINS, Leandro. **O rio comanda a vida – uma interpretação da Amazônia**. / Leandro Tocantins. 10 ed. – Manaus: Editora Valer, 2021.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação** / Michel Thiollent. 18. ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

TRIVIÑOS, Augusto N.S. **Introdução a pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1992.

VAL, Vera do. **O imaginário da floresta: lendas e histórias da Amazônia** / Vera do Val; ilustrações Luciano Tasso. – São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

VALLEJO, Boris. **Portfolio** / Boris Vallejo; ilustrações Boris Vallejo. – Great Britain: Paper Tiger, 2000.

ZAMBONI, Silvio. **A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência** / Silvio Zamboni. - 3ª Ed. rev. – Campinas, SP: Autores Associados, 2006. – (coleção polêmicas do nosso tempo,59).

**APÊNDICE**

## APÊNDICE A - PLANO DE ENSINO

Escola Estadual “Irmã Sá” Código do Inep da Escola: 13042106

Professor: Erinaldo de Souza Batalha

Nível de Ensino: Ensino Fundamental II - Anos Finais

Ano/Série: 7º Turma: 2 Turno: Matutino

PLANO DE ENSINO			
COMPONENTE CURRICULAR: ARTE		QUANTIDADE DE AULAS	
PREVISTAS: 10			
EIXO/UNIDADES TEMÁTICA/PRÁTICAS DE LINGUAGENS	HABILIDADES	OBJETOS DE CONHECIMENTOS	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS
Artes Visuais	<p><b>(EF69AR01)</b> Pesquisar, apreciar e analisar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, em obras de artistas brasileiros e estrangeiros de diferentes épocas e em diferentes matrizes estéticas e culturais, de modo a ampliar a experiência com diferentes contextos e práticas artístico-visuais e cultivar a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.</p> <p><b>(EF69AR02)</b> Pesquisar e analisar diferentes estilos visuais, contextualizando-os no tempo e no espaço.</p> <p><b>(EF69AR04)</b> Analisar os elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, direção, cor, tom, escala, dimensão, espaço, movimento etc.) na apreciação de diferentes produções artísticas.</p> <p><b>(EF69AR05)</b> Experimentar e analisar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia, performance etc.).</p> <p><b>(EF69AR06)</b> Desenvolver processos de criação em artes visuais, com base em temas ou interesses artísticos, de modo individual, coletivo e colaborativo, fazendo uso de materiais, instrumentos e recursos convencionais, alternativos e digitais.</p> <p><b>(EF69AR34)</b> Analisar e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, e favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentação do Projeto</li> <li>- Introdução as artes visuais / Conceitos e história da Arte / A importância da arte na Vida.</li> <li>- Imagem / A imagem no ensino da Arte</li> <li>- O desenho: Linguagem, técnica e cultura.</li> <li>- Produção artística na escola</li> <li>- Produção artística extraclasse.</li> <li>- Curadoria.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Aulas Teóricas, expositivas e dialogadas.</li> <li>- Pesquisas.</li> <li>- Aulas Práticas com produção artística.</li> <li>- Exposições.</li> </ul>

## APÊNDICE B - PLANO DE ENSINO

Colégio Batista de Parintins Código do Inep da Escola: 13041924

Professor: Erinaldo de Souza Batalha

Nível de Ensino: Ensino Fundamental II - Anos Finais

Ano/Série: 8º Turma: 1 Turno: Matutino

PLANO DE ENSINO			
COMPONENTE CURRICULAR: ARTE		QUANTIDADE DE AULAS	
PREVISTAS: 10			
EIXO/UNIDADES TEMÁTICA/PRÁTICAS DE LINGUAGENS	HABILIDADES	OBJETOS DE CONHECIMENTOS	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS
Artes Visuais	<p><b>(EF69AR01)</b> Pesquisar, apreciar e analisar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, em obras de artistas brasileiros e estrangeiros de diferentes épocas e em diferentes matrizes estéticas e culturais, de modo a ampliar a experiência com diferentes contextos e práticas artístico-visuais e cultivar a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.</p> <p><b>(EF69AR02)</b> Pesquisar e analisar diferentes estilos visuais, contextualizando-os no tempo e no espaço.</p> <p><b>(EF69AR04)</b> Analisar os elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, direção, cor, tom, escala, dimensão, espaço, movimento etc.) na apreciação de diferentes produções artísticas.</p> <p><b>(EF69AR05)</b> Experimentar e analisar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia, performance etc.).</p> <p><b>(EF69AR06)</b> Desenvolver processos de criação em artes visuais, com base em temas ou interesses artísticos, de modo individual, coletivo e colaborativo, fazendo uso de materiais, instrumentos e recursos convencionais, alternativos e digitais.</p> <p><b>(EF69AR34)</b> Analisar e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, e favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentação do Projeto</li> <li>- Introdução as artes visuais / Conceitos e história da Arte / A importância da arte na Vida.</li> <li>- Imagem / A imagem no ensino da Arte</li> <li>- O desenho: Linguagem, técnica e cultura.</li> <li>- Produção artística na escola</li> <li>- Produção artística extraclasse.</li> <li>- Curadoria.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Aulas Teóricas, expositivas e dialogadas.</li> <li>- Pesquisas.</li> <li>- Aulas Práticas com produção artística.</li> <li>- Exposições.</li> </ul>